



**UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
MARANHÃO**

**PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO – PROG
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE IMPERATRIZ – CESI**

**PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE LETRAS LICENCIATURA EM
LÍNGUA PORTUGUESA, LÍNGUA INGLESA E LITERATURAS**

**SÃO LUÍS-MA
2015**



**UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
MARANHÃO**

PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO – PROG
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE IMPERATRIZ – CESI

**PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE LETRAS LICENCIATURA EM
LÍNGUA PORTUGUESA, LÍNGUA INGLESA E LITERATURAS**

COMISSÃO DE ELABORAÇÃO

Portaria nº 003/2015

Elizabeth Rocha de Souza Lima
Gilberto Freire de Santana
Ilza Léia Ramos Arouche
Maria da Guia Taveiro Silva
Sônia Maria Nogueira

SÃO LUÍS-MA
2015

IDENTIFICAÇÃO DO CURSO

DENOMINAÇÃO DO CURSO: Letras Licenciatura em Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Literaturas

ÁREA: Letras

PERÍODO DE INTEGRALIZAÇÃO: 09 (nove) Semestres

REGIME LETIVO: Semestral

TURNOS DE OFERTA: Vespertino e Noturno

VAGAS AUTORIZADAS: 35 Vagas Anuais

CARGA HORÁRIA: 3.780 h (três mil setecentos e oitenta horas-aulas)

DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS: 41 Disciplinas (2.745 horas)

DISCIPLINAS OPTATIVAS: 120 horas

ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO: 04 Estágios (810 horas)

ATIVIDADES ACADÊMICO-CIENTÍFICO-CULTURAIS: 225 horas

TÍTULO ACADÊMICO: Licenciado em Letras

DADOS INSTITUCIONAIS

NOME DA INSTITUIÇÃO: Universidade Estadual do Maranhão – UEMA

CNPJ: 06.352.421/0001/68

SITE: www.uema.br

CENTRO: Centro de Estudos Superiores de Imperatriz – CESI

ENDEREÇO: Rua Godofredo Viana, 1.300 – Centro, 6590-480 – Imperatriz (MA)

TELEFONE: (99) 3525-2785

E-MAIL: direcao.uema@gmail.com

SÃO LUÍS-MA
2015

GESTÃO

Prof °. Gustavo Pereira da Costa

Reitor

Prof °. Walter Canales Sant'ana

Vice-Reitor

Prof °. Antonio Roberto Coelho Serra

Pró-Reitor de Planejamento

Prof ª. Andréa de Araújo

Pró-Reitora de Graduação

Prof °. Marcelo Cheche Galves

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Prof °. PORFÍRIO CANDANEDO GUERRA

Pró-Reitor de Extensão e Assuntos Estudantis

Prof °. Gilson Martins Mendonça

Pró-Reitor de Administração

Prof °. Paulo Henrique Aragão Catunda

Diretor do Centro de Estudos Superiores de Imperatriz – CESI

Profª Elizabete Rocha de Souza Lima

Diretora do Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa, Língua Inglesa e

Literaturas do CESI

Profª Maria da Guia Taveiro Silva

Chefe do Departamento de Letras do CESI

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	7
2 JUSTIFICATIVA	9
3 CONTEXTO HISTÓRICO GEOGRÁFICO DA UEMA	11
3.1 O ENQUADRAMENTO HISTÓRICO – GEOGRÁFICO DO CURSO DE LETRAS LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA, LÍNGUA INGLESA E LITERATURAS DA UEMA/CESI	13
4 O CURSO: PROPOSTA E PERSPECTIVAS	17
4.1 FILOSOFIA DO CURSO DE LETRAS LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA, LÍNGUA INGLESA A E LITERATURAS	18
4.2 MISSÃO DO CURSO DE LETRAS LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA, LÍNGUA INGLESA E LITERATURAS – CESI	20
4.3 OBJETIVOS DO CURSO	21
4.3.1 Objetivos gerais	22
4.3.2 Objetivos específicos	22
4.3.3 Objetivos Curriculares	22
4.3.4 Estratégias de Realização dos Objetivos do Curso	23
4.4 TITULAÇÃO CONFERIDA PELO CURSO	24
4.5 DESAFIOS DO CURSO DE LETRAS LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA, LÍNGUA INGLESA E LITERATURAS – CESI	24
4.6 DEMANDAS, VAGAS, TURMAS E TURNOS DE FUNCIONAMENTO DO CURSO	25
4.7 DEMONSTRATIVO DA MÉDIA DOS COEFICIENTES DOS ALUNOS	26
4.8 PERFIL DO PROFISSIONAL DE LETRAS LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA, LÍNGUA INGLESA E LITERATURAS S	26
4.9 ÁREAS DE ATUAÇÃO DO PROFISSIONAL DO CURSO DE LETRAS	28
4.10 NORMAS DE FUNCIONAMENTO DO CURSO	28
5 GESTÃO ACADÊMICA DO CURSO	29
5.1 COLEGIADO DO CURSO	29
5.2 NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE (NDE)	30
5.3 AVALIAÇÃO CURRICULAR: USO DOS RESULTADOS DAS AVALIAÇÕES	

NA MELHORIA DA QUALIDADE DO CURSO.....	31
6 CURRÍCULO DO CURSO	32
6.1 REGIME ESCOLAR	32
6.2 PROPOSTA CURRICULAR.....	33
6.3 DISCIPLINAS DO CURSO DE LETRAS LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA, LÍNGUA INGLESA E LITERATURAS DO CESI/UEMA	35
6.3.1 Disciplinas de Formação Específica	37
6.3.2 Disciplinas Comuns a outros Cursos	38
6.3.3 Disciplinas Livres (Disciplinas Complementares ou Optativas).....	39
6.4 EMENTÁRIOS E REFERÊNCIAS DAS DISCIPLINAS DO CURRÍCULO PLENO DO CURSO DE LETRAS LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA, LÍNGUA INGLESA E LITERATURAS DO CESI/UEMA	39
6.4.1 Ementário das Disciplinas livres (NL)	69
6.5 PRÁTICA COMO COMPONENTE CURRICULAR	76
6.6 ATIVIDADES ACADÊMICO-CIENTÍFICO-CULTURAIS (AACC)	76
6.7 ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM LETRAS	76
6.8 PESQUISA E EXTENSÃO NO CURSO DE LETRAS.....	77
6.9 TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC).....	78
7 RECURSOS HUMANOS	79
7.1 DOCENTES	79
7.1.1 Perfil do professor	81
7.2 GESTORES	81
7.3 O CORPO TÉCNICO-ADMINISTRATIVO DO CURSO DE LETRAS	81
8 ACERVO BIBLIOGRÁFICO	83
9 INFRAESTRUTURA DO CURSO.....	84
9.1 SALA DE AULA.....	84
9.2 SALA DE PROFESSORES	84
9.3 SALA DE DEPARTAMENTO	84
9.4 SALA DE DIREÇÃO DE CURSO	84
9.5 OUTROS ESPAÇOS USADOS PELO CURSO.....	85
CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
REFERÊNCIAS	87

1 APRESENTAÇÃO

Pensar um projeto de educação implica pensar o tipo e qualidade de escola ou instituição, a concepção de homem e de sociedade que se pretende construir.

É evidente que nós educadores compreendemos que as mudanças na educação dependem, fundamentalmente, de vontade política, no que diz respeito a encará-la como prioridade nacional – não enquanto lema, mas de forma prática – e da vontade e empenho dos professores. Somos, de fato, os responsáveis em pôr em prática os projetos e concepções de educação que sempre foram idealizados por alguns e não por nós, o que contribui para que tenhamos tantas propostas relevantes no papel, mas que, no fazer pedagógico, se mantenham a uma distância enorme do idealizado.

As nossas instituições de ensino, e em sentido amplo, os dirigentes políticos, pouco se preocuparam com a existência de um Projeto Pedagógico do Curso, em virtude de que a nossa educação, ao longo do tempo, salvo raras exceções, sempre foi um dos caminhos mais fáceis para se praticar os desvios de recursos. Dessa forma essa busca geral em que se encontram os sistemas de ensino para concretizarem os seus projetos nos surpreende.

A necessidade de um Projeto Político Pedagógico na escola antecede a qualquer decisão política ou exigência legal, já que, enquanto educadores e membros da IES ou escola, devemos ter claro a que horizonte pretendemos chegar com os nossos alunos, com a comunidade e com a sociedade, de modo geral, caso contrário não estaremos exercendo o nosso papel de educador.

Como na educação, na maioria das vezes, a “moda” também se faz presente, principalmente por parte daqueles que, na verdade, ficam esperando um pacote pronto de técnicas e métodos de ensino. Ao invés de buscarem desenvolver a criatividade e, na prática, irem recriando a sua própria práxis pedagógica, convém questionar: será o PPC mais uma “moda”? Será que os educadores e dirigentes dos sistemas educacionais alertaram-se e resolveram firmar um pacto pela qualidade da educação ou será apenas mais uma corrida para que cumpramos, mais uma vez, as exigências legais dos acordos internacionais? Será que cada escola, instituição, vai assumir o seu papel ou terá apenas um projeto escrito?

É preciso fazer valer o PPC ou continuaremos com as mesmas e velhas práticas autoritárias e alienantes dos nossos alunos e manteremos a repetição dos velhos discursos e, simplesmente, sairemos pregando a demagogia e falando de formação para a cidadania e para o viver da democracia, sem nos preocuparmos com uma prática que de fato leve nossos aprendizes a tais conquistas?

Os resultados das avaliações que verificam o nível de conhecimento dos estudantes brasileiros mostram que não se deve acreditar nas mudanças da educação quando elas acontecem de cima para baixo. Se a escola, a instituição é fruto da sociedade, é consequência dos saberes social e culturalmente construídos, subjetivamente, ela precisa ser formada pelas e para as pessoas que estão fora e dentro da escola. Sendo assim, como pensar em mudanças, a partir daqueles que não estão, diretamente, ligados a essa realidade? Alunos, professores, comunidades, não podem figurar apenas nos papéis e nas propostas; devem fazer parte do sistema de reformulação do pensar a educação e a escola.

Logo, a mola principal das mudanças é a postura e crença do educador em um repensar a educação e a sua própria caminhada, senão, o nosso projeto de curso não passará de um discurso repetitivo e vazio, o que fará com que o nosso papel de professor não tenha força para refletir-se positivamente como determinante na formação de novos cidadãos. Quando, na verdade, deveríamos assumir o papel de educador, para tentarmos envolver e empolgar a sociedade a lutar por uma educação mais real, digna de um país com mais de 500 anos de “descobrimento” e quase dois séculos de independência e cujas diretrizes educacionais se baseiam em uma educação voltada para a garantia da qualidade e da equidade para todos.

2 JUSTIFICATIVA

O Brasil tem mostrado claramente a dificuldade em oferecer oportunidades educacionais a sua população. É amplamente noticiado que o país tem falta de profissionais da educação em todas as áreas. Obviamente, a falta de profissionais é sentida em todo território nacional, o que inclui o Maranhão e, não só a cidade de Imperatriz, mas toda a região na qual ela está inserida. Ressalta-se, porém, que em algumas regiões e em alguns estados a escassez de professores para o Ensino Médio, por exemplo, é bem maior.

O anuário brasileiro da Educação Básica de 2013 mostra que em 2011, o número de professores brasileiros para a esse nível de educação era equivalente, somente, a cerca de dez por cento (10%) do total da população (2.045.351) do país. Sendo que a maioria deles (601.242) se encontrava na faixa etária entre 41 a 50 anos, o que pode significar uma proximidade da aposentadoria. E desse percentual ainda há professores com somente o ensino fundamental trabalhando no Ensino médio.

Esse fato pode ser uma das razões que tenta explicar a realidade de o país ter somente sessenta e dois por cento (62%) dos brasileiros portadores de diploma de curso superior, considerados como plenamente alfabetizados (BRASIL, 2011), os outros graduados (38%) se encontram em outros níveis de alfabetismo, infelizmente. Ademais, os dados do Indicador de Alfabetismo Funcional (Inaf) apresentados pelo Instituto Paulo Montenegro, que mede os níveis de alfabetismo de adultos no Brasil mostram que ainda é grande a população analfabeta plena e funcional no país (BRASIL, 2012).

Por outro lado pensar em uma alfabetização que simplesmente habilite esses 38% de brasileiros a assinar o próprio nome ou a escrever um bilhete simples, não seria a solução. É preciso que se pense em um ensino especialmente, o ensino de línguas com o objetivo de letramento dos aprendizes e não somente o domínio da tecnologia lectoescritora.

Assim como o ensino da língua portuguesa não tem alcançados muitos dos seus objetivos, da mesma forma o ensino de língua inglesa tem se mostrado ineficiente, nas nossas escolas. E grande parte da sua ineficiência está relacionada à falta de profissionais habilitados para a função. Apesar dos avanços tecnológicos que facilitam não somente as múltiplas formas de uso da linguagem, mas também o seu estudo e ainda, apesar das facilidades para o acesso às Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC), ainda é comum verificar professores de língua inglesa trabalhando o ensino dessa língua de forma descontextualizada, presos à conteúdos sem objetivos claros e irrelevantes para a prática social dos aprendizes. Vale ressaltar

que a falta de formação específica para exercício da função de professor de língua inglesa é um dos principais obstáculos para o sucesso do ensino dessa língua na Educação Básica.

As novas TIC e os sofisticados meios de comunicação, que atualmente têm facilitado a interação entre pessoas de diferentes línguas e culturas, sugerem que no contexto do ensino de uma língua é preciso que se considerem os usos sociais da leitura e da escrita pelos aprendizes dessa língua. Sendo assim, o ensino de uma língua precisa considerar as necessidades e as possibilidades de letramento(s) do aprendiz por meio dessa língua.

Quanto ao uso do termo letramento no ensino de línguas o documento que aponta as Orientações Curriculares para o Ensino Médio no país defende que:

No uso da linguagem em “comunidades de prática”, é muito comum que esse uso seja composto por conjuntos complexos de habilidades antes isoladas e chamadas de “leitura”, “escrita”, “fala” e “compreensão oral”. Levando isso em conta, passa-se a preferir o uso do termo letramento para se referir aos usos heterogêneos da linguagem nas quais formas de “leitura” interagem com formas de “escrita” em práticas socioculturais contextualizadas. Isso leva à superação do restrito conceito anterior de “alfabetização”, pautado ainda na concepção da “escrita” como tecnologia descontextualizada e universal produtora das supostas habilidades linguísticas homogêneas de leitura e escrita (OCEM, 2006,p.106).

Diante do exposto o Centro de Estudos Superiores de Imperatriz reconhece que não pode manter-se alheio às necessidades da comunidade de Imperatriz e regiões circunvizinhas. Também reconhece sua responsabilidade social de formar profissionais competentes e que possam realmente contribuir para a redução dos problemas comuns ao ensino e à aprendizagem de língua inglesa, por isso, ressaltamos a necessidade de manter e melhorar a qualidade do Curso de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Literaturas do CESI.

3 CONTEXTO HISTÓRICO GEOGRÁFICO DA UEMA

Conforme reforçado no seu anuário de 2014, a missão da Universidade Estadual do Maranhão é “Servir à sociedade, oferecendo formação educacional de excelência orientada para a cidadania, produzindo conhecimento e prestando serviços de qualidade, por meio de uma gestão participativa com responsabilidade social e ambiental” e a sua visão é “Ser instituição de referência acadêmica na educação superior, reconhecida como essencial ao desenvolvimento do Estado e da sociedade”. Assim, a UEMA é uma instituição de ensino superior que se preocupa com o desenvolvimento do Estado do Maranhão e que desde a sua fundação tem contribuído para o crescimento intelectual da sociedade maranhense.

A atual Universidade Estadual do Maranhão teve sua origem na Federação das Escolas Superiores do Maranhão – FESM, criada pela Lei 3.260 de 22 de agosto de 1972 para coordenar e integrar os estabelecimentos isolados do sistema educacional superior do Maranhão.

Posteriormente, em 1981 a FESM foi transformada na Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, através da Lei nº 4.400, de 30 de dezembro de 1981. Nessa época a instituição contava com apenas três campi e sete unidades de ensino. Porém, somente em 1987 a UEMA teve seu funcionamento autorizado pelo Decreto Federal nº 94.143, de 25 de março de 1987, como uma Autarquia de regime especial, pessoa jurídica de direito público, na modalidade multicampi.

A princípio, a UEMA foi vinculada à Secretaria Estadual de Educação. Após a reforma administrativa implantada pelo Governo do Estado, em 1999, a SEDUC foi transformada em Gerência de Estado de Desenvolvimento Humano – GDH.

Em 2002 a UEMA foi desvinculada da GDH pela Lei Estadual nº 7.734, de 19.04.2002, que dispôs novas alterações na estrutura administrativa do Governo, e passou a integrar a Gerência de Estado de Planejamento e Gestão.

Em 2003 com a reorganização estrutural do estado e com a criação do Sistema Estadual de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, UEMA a vincular-se à Gerência de Estado da Ciência, Tecnologia, Ensino Superior e Desenvolvimento Tecnológico – GECTEC, hoje, Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia, Ensino Superior e Desenvolvimento Tecnológico – SECTEC.

Conforme seu Estatuto, aprovado pelo Decreto 15.581 de 30 de Maio de 1.997 os objetivos da UEMA são: promover o ensino de graduação e pós-graduação, a extensão universitária e a pesquisa, a difusão do conhecimento, a produção de saber e de novas tecnologias

interagindo com a comunidade, com vistas ao desenvolvimento social, econômico e político do Maranhão.

Conforme seu Estatuto a Universidade Estadual do Maranhão está organizada com observância dos seguintes princípios:

- Unidade de patrimônio e administração;
- Estrutura orgânica com base em departamentos, coordenados por centros, tão amplos quanto lhes permitam as características dos respectivos campos de atividades;
- Indissociabilidade das funções de ensino, pesquisa e extensão, vedada a duplicação de meios para fins idênticos ou equivalentes;
- Descentralização administrativa e racionalidade de organização, com plena utilização de recursos materiais e humanos;
- Universidade de campo, pelo cultivo das áreas fundamentais do conhecimento humano, estudados em si mesmos ou em função de ulteriores aplicações, e de áreas técnico-profissionais;
- Flexibilidade de métodos e critérios, com vistas às diferenças individuais dos alunos, peculiaridades regionais e às possibilidades de combinação dos conhecimentos para novos cursos e programas de pesquisa;
- Liberdade de estudo, pesquisa, ensino e extensão, permanecendo aberta a todas as correntes de pensamento, sem, contudo, participar de grupos ou movimentos partidários;
- Cooperação com instituições científicas, culturais e educacionais, públicas e privadas, nacionais e internacionais, para a consecução de seus objetivos.

Quanto a sua atuação na área de educação superior a UEMA atua nos níveis de graduação tanto presencial quanto na modalidade EAD. Assim, atualmente a instituição oferece cursos Regulares de Graduação Bacharelado e Licenciatura e Programas Especiais – Cursos de Licenciatura ministrados pelo Programa Darcy Ribeiro, na modalidade presencial e regular, além dos Cursos de Licenciatura ministrados pelo Núcleo de Tecnologias para a Educação – UEMANET, na modalidade ensino à distância, do Curso de Formação Pedagógica de Docentes para as disciplinas de Ensino Médio e Educação Profissional em nível Técnico. A UEMA também oferece cursos Sequenciais de Formação Específica – Presenciais. Além disso, atualmente há um grande interesse em aperfeiçoar e ampliar os seus programas de pós-graduação tanto em nível *stricto sensu* quanto em nível *lato sensu*.

3.1 O ENQUADRAMENTO HISTÓRICO – GEOGRÁFICO DO CURSO DE LETRAS LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA, LÍNGUA INGLESA E LITERATURAS DA UEMA/CESI

A cidade de Imperatriz é o segundo município mais populoso do estado do Maranhão, sede da Região Metropolitana do Sudoeste Maranhense, com influência no Norte do Tocantins e Sudeste do Pará, com os quais faz divisa. Possui uma área de 1.538,1 km² e população de 236.691 habitantes – estimada pelo IBGE/2009 – sua distância da capital, São Luís, é de 639 km, com altitude média de 92 metros acima do nível do mar.

Essas divisas conferem a Imperatriz a singularidade de “capital regional”, responsável pela sustentação de um vasto território, onde desenvolvem-se agricultura e pecuária fortes, comércio dinâmico e agroindústria e indústria em processo de crescimento.

Sob a denominação de Faculdade de Educação de Imperatriz, a instituição inicialmente, ofereceu os cursos de Letras, Estudos Sociais e Ciências, todos de Licenciatura Curta. Esses cursos foram autorizados pelo parecer 75/74 do Conselho Estadual de Educação e pelo Decreto Federal 79.861, de 27 de junho de 1977 e, posteriormente, foram reconhecidos pela Portaria 147, de 06 de fevereiro de 1980, do Ministério da Educação.

Na época, a faculdade já havia sido incorporada à Federação das Escolas Superiores do Maranhão (FESM), pelo Decreto Estadual 7.197, de 16 de julho de 1979. Com a criação da UEMA, em 1981, a Faculdade de Educação de Imperatriz passou à denominação de Unidade de Estudos de Educação de Imperatriz. A Portaria 501, de 03 de julho de 1985, do Ministro da Educação, autorizou a conversão, por via de planificação, dos cursos da Unidade de Estudos de Educação de Imperatriz.

A cidade de Imperatriz iniciou-se na formação de professores de Português e Literatura a partir de 1974, quando chegou à cidade o Curso de Licenciatura Curta em Letras, por meio da Faculdade de Educação de Imperatriz – FEI. Essa faculdade foi criada pela Lei Municipal nº 10, de 08 de agosto de 1973, tendo como mantenedora a Fundação Universidade de Imperatriz. O Curso de Licenciatura Curta em Letras teve seu reconhecimento em 1979. Essa mesma lei municipal mudou a denominação da fundação, que passou a chamar-se Fundação de Ensino Superior de Imperatriz. Essa faculdade foi incorporada em 1979 pela Federação das Escolas Superiores do Maranhão e, em 1981, transformada em Universidade Estadual do Maranhão.

Em 1985, foi transformada em Licenciatura Plena, com habilitação em Português, Inglês e Respectivas Literaturas, iniciando nessa modalidade a partir do primeiro semestre de 1986. A

partir de 1990, o Curso de Letras começou a funcionar com duas habilitações: Português/Inglês e Português/Literatura. Por um lado, a habilitação em Português/Inglês foi reconhecida em 1991. Por outro lado, a habilitação em Português/Literatura, apenas em 1994.

A Unidade de Estudos de Educação de Imperatriz (UEEI), com a denominação de Centro de Estudos Superiores de Imperatriz-CESI/UEMA, atualmente oferece os seguintes cursos, de Licenciatura Plena:

- a) Letras com Habilitação em Português/Inglês, reconhecido pela Resolução nº 281/2003, de 25 de setembro de 2003, do CEE.
- b) Letras com Habilitação em Português/Literatura reconhecido pela Portaria nº 1.810, de 27/12/1994.
- c) História – reconhecido pela Resolução nº 278/2006, de 20 de dezembro de 2006, do CEE.
- d) Geografia – reconhecido pela Portaria nº 271/2003, de 11 de setembro de 2003, do CEE.
- e) Pedagogia – reconhecido pela Portaria nº 277/2006, de 20 de dezembro de 2006, do CEE.
- f) Magistério das Séries Iniciais, do Ensino Fundamental – autorizado pela Portaria nº 2216/2001 MEC, de 11/10/2001.
- g) Formação Pedagógica de Docentes – reconhecido pela Resolução nº 324/1999, de 16/12/1999, do CEE.
- h) Ciências com Habilitação em:
 - Matemática – reconhecido pela Portaria 1696/1992, de 13 de novembro de 1992, do CEE.
 - Química – reconhecido pela Resolução nº 635/1997, de 16/10/1997, do CEE.
 - Biologia – reconhecido pela Resolução nº 568/1997, de 16/10/1997, do CEE.
 - Física – autorizado pela Resolução nº 737/2008, de 29/05/2008, do CONSUN.

O CESI/UEMA possui, também, cursos de Licenciatura na modalidade a distância, todos eles com projetos da UEMA NET. Além desses cursos em nível de licenciatura, o Centro de Estudos Superiores de Imperatriz CESI/UEMA oferece os seguintes cursos, em nível de Bacharelado:

- i) Administração – autorizado pela Resolução nº 451/97, de 12/12/1996, do CEE; reconhecido pela Resolução nº 202/2000-CEE/MA, em 08/06/2000.
- j) Medicina Veterinária – reconhecido pela Resolução nº 168/2009, de 17/07/2009, do CEE.
- k) Agronomia – reconhecido pela Resolução nº 03/2008, de 24/01/2008, do CEE.

- l) Engenharia Florestal – autorizado pela Resolução nº 451/97, de 12/12/1996, do CEE; reconhecimento pela Resolução nº 804/2010, de 14/07/2010, do CONSUN.

O crescimento do número de centros educacionais de Ensino Médio e a exigência da LDB de que os professores fossem, legalmente, habilitados com graduação, em sua área de ensino impõe às IES a responsabilidade de formar esses profissionais.

Nesse contexto, a demanda para o ingresso no Curso de Letras teve uma tendência crescente, o que influenciou e pressionou o aumento do número que, inicialmente, era de 45 vagas anuais, passando para 50, em 1977. Porém a preocupação com a qualidade desses profissionais fez com que se repensasse o número de alunos por turma, portanto para um melhor acompanhamento individual do aluno e futuro professor de língua inglesa o curso passou a oferecer somente 35 vagas anuais.

A partir do primeiro semestre de 1991 o Curso de Letras começou a funcionar em dois turnos, com Português/Inglês no turno vespertino e Português/Literatura no noturno. O curso possui uma clientela diversificada, mas, nos últimos anos, verifica-se uma maior procura do público mais jovem, recém-saído do Ensino Médio. Atualmente, as ofertas, em se tratando de habilitação, têm acontecido alternadamente, ou seja, a habilitação é oferecida em um semestre no turno vespertino; no seguinte, a mesma é oferecida no turno noturno.

No Curso de Letras do CESI/UEMA, podemos observar os índices de inscritos nos concursos vestibulares, nos últimos anos, que estampa uma concorrência média de mais de 12 (doze) candidatos por vaga, o que ratifica a necessidade de se ofertar vagas no turno vespertino para um público mais jovem e que acaba de sair do curso médio e no turno noturno, contemplando todos os candidatos (aprovados) que desenvolvem atividades profissionais durante o dia.

Com a necessidade de melhorar a qualificação dos professores que estão em sala sem a devida qualificação, iniciou-se, em 1993, o Programa de Capacitação de Docentes – PROCAD. Esse programa foi criado para atender professores da rede pública que estão em atividade, mas não possuem graduação.

O Curso de Letras, na cidade de Imperatriz, funcionou em dois regimes escolares: Regime Parcelado Intensivo (PROCAD e PQD), criado para atender os professores da rede pública que atuam no Ensino Fundamental e Médio, e Regime Regular, atendendo à comunidade em geral. Hoje em dia, o curso opera apenas em Regime Regular.

Segundo a Resolução nº 123/2013-CEE, o Curso de Letras Licenciatura de Imperatriz foi reestruturado com licenciaturas autônomas e específicas: Curso de Letras – Língua Portuguesa,

Língua Inglesa e Literaturas e Curso de Letras – Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa.

4 O CURSO: PROPOSTA E PERSPECTIVAS

O Curso de Letras – Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Literaturas está respaldado em uma visão contextualizada de educação, baseada nas finalidades da Educação Superior que é regida pela nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9394/96, fundamentando os princípios básicos da prática educativa, cultural e política da sociedade. Com efeito, diz o Art. 62 dessa lei:

A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, oferecida em nível médio na modalidade normal (BRASIL, 1996, p.18).

O cenário político, sociocultural, econômico, científico e educacional, projetados para as próximas décadas, exige uma universidade atenta aos paradigmas da ciência contemporânea, buscando nos mesmos sustentação em seu projeto pedagógico para a qualificação exigida pelo exercício profissional da docência no ensino regular dos sistemas, sendo condição *sine qua non* do que está disposto no Art. 67, face aos sistemas públicos, constante do Título VI da Lei: Dos profissionais da Educação.

Convém lembrar que as transformações por que vem passando a sociedade, resultantes das alterações na esfera da produção em nível mundial, colocam em risco os paradigmas até então vigentes e aceitos nas Ciências Sociais.

É preferível elaborar a própria concepção de mundo de uma maneira crítica e consciente, escolher a própria esfera de atividade particular quanto a produção da história do mundo, ser o guia de si mesmo e não aceitar do exterior, passiva e servilmente a marca da própria realidade (GRAMSCI, 2007, p.12)

A modernidade se define, enfim, pela globalização. O mundo é global, como no passado foi trilateral. Permanece desigual, heterogêneo, cabendo ao homem acompanhar e entender as mudanças e, se preciso for, adaptá-las às suas necessidades, transformando-as.

Compromissado com a região, o curso se empenha em formar, capacitar e atualizar profissionais integrados com a realidade local, tornando-os autênticos promotores do desenvolvimento regional, promovendo uma melhor qualidade de vida e buscando estreitar os laços entre a instituição e a comunidade na qual está inserido.

Sendo assim, o Curso de Letras – Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Literaturas se propõe a formar profissionais aptos a inovarem de forma criativa, eficiente e eficaz ante os

desafios que a sociedade lhes impõe como, por exemplo, o alto índice de analfabetismo do estado e falta de qualificação dos profissionais da área do ensino de língua estrangeira que permanecem na educação, embora sem capacidade para tal.

4.1 FILOSOFIA DO CURSO DE LETRAS LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA, LÍNGUA INGLESA E LITERATURAS

Ao analisar os desafios da Educação no mundo globalizado Maria Cândida Moraes (1997, p. 25 e 47) propõe o paradigma construtivista, interacionista, sociocultural e transcendente como ponto de partida para se repensar a Educação. Esse paradigma, cujos princípios acham-se, essencialmente, ligados à teoria quântica e à teoria da relatividade, traduz os valores emergentes, considerando o sujeito e o objeto como organismos vivos e interativos.

Esse paradigma, considera a necessidade de diálogo do indivíduo consigo próprio e com o mundo que o cerca, buscando a comunhão com o universo. Esses valores definem as necessidades do homem de hoje, inserido em um contexto em que o mundo e as formas de poder se afirmam enquanto capacidade de se estabelecer relações; um contexto cujos valores de troca se definem, em última análise, em termos de informação, conhecimento e criatividade.

De acordo com a autora, no mundo globalizado ou na era das relações, requer-se:

[...] uma nova ecologia cognitiva, traduzida na criação de novos ambientes de aprendizagem que privilegiem a circulação de informações, a construção do conhecimento pelo aprendiz, o desenvolvimento da compreensão e, se possível, o alcance da sabedoria objetivada pela evolução da consciência individual e coletiva (MORAES, 1997, p. 27).

Nessa perspectiva, o professor como transmissor de conhecimento desaparece para dar lugar à figura do mediador. Cabe ao docente, mais do que transmitir o saber, articular experiências em que o aluno vivencie e reflita sobre suas relações com o mundo e o conhecimento, assumindo o papel ativo no processo ensino-aprendizagem. O desafio está, dessa forma, na incorporação de novas tecnologias a novos processos de aprendizagem, em que o aluno seja considerado em suas relações com o mundo. Isso significa oportunizar ao aprendiz atividades que exijam não apenas o investimento intelectual, mas também o emocional, o sensitivo, o intuitivo, o estético, dentre outros.

Essa nova prática exige ambientes que extrapolem o espaço da sala de aula, ocupando, de modo assíduo, não apenas os laboratórios e os espaços sociais da escola ou instituição, mas também os disponíveis na comunidade. É necessária a realização atividades colaborativas, em que as experiências sejam vivenciadas individualmente e em grupo, atividades que privilegiem a

dinâmica de projetos, que invistam o aluno de responsabilidades reais ante o seu aprendizado e o mundo que o cerca.

Nesse contexto, o “aulismo” passa a ser prática do passado, abrindo caminho para a pedagogia do “estar no mundo”. A sala de aula deixa de ser o templo da transmissão e da repetição do saber, para ser palco de momentos importantes de socialização do aprendizado individual, de experiências em grupo, do diálogo, do confronto entre essas experiências e a teoria, da formulação de problemas e da busca de soluções.

No que diz respeito à universidade, ela se propõe a formar indivíduos críticos e atuantes, capazes de transformar o meio em que vivem. Observa-se, entretanto, na maioria das vezes, que o profissional que a universidade prepara tem uma postura apática diante do conhecimento, sente-se incapaz de recriar sua prática e, em geral, se limita a repetir na vida profissional o que aprendeu em sala de aula.

A pesquisa, prática fundamental no ensino superior, é reservada a alguns eleitos, bolsistas ou alunos que prosseguem seus estudos em nível de Pós-Graduação, quando, na verdade, deveria estar presente no primeiro ano do curso, na forma de pesquisas básicas a serem desenvolvidas em todas as disciplinas. Desse modo, transpor-se-ia para o contexto das discussões, de sala de aula, a experiência do indivíduo, refletindo e interagindo no meio em que atuará futuramente, enquanto estagiário e, posteriormente, como profissional.

Em termos de estratégias de ensino, isso significa diminuir a importância das aulas expositivas, repensando o uso de materiais didáticos. Evidentemente, recursos que exijam do aluno uma situação passiva, de “receptor”, diante de um conteúdo a ser apreendido não podem ser considerados desejáveis, no contexto ensino-aprendizagem que privilegie a construção do saber.

Merecem considerações especiais, além disso, a utilização dos recursos de mídia e hipermídia nas escolas ou instituições, lembrando que o uso das tecnologias modernas de informática não pode desencadear, por si só, uma nova postura diante do processo ensino-aprendizagem. Moraes (1997, p.16) enfatiza que programas “[...] visualmente agradáveis, bonitos e até criativos podem continuar representando o paradigma instrucionista ao colocar no recurso tecnológico uma série de informações a serem repassadas ao aluno, reafirmando e expandindo a velha pedagogia do repasse de conhecimentos”.

A prática docente na era das relações deve considerar, finalmente, que a Educação visa, em última análise, à felicidade do indivíduo, contextualizando essa premissa à realidade de países de Terceiro Mundo. Isso significa pensar um Projeto Pedagógico que contribua, efetivamente,

para o crescimento econômico e a divisão igualitária dos bens entre todos os brasileiros; um projeto em que conhecimento, criatividade e capacidade de reconstrução do saber mostrem-se fundamentais. Sem essa visão clara, nossa pedagogia concorre para a redução do país a mero importador de produtos e de tecnologias estrangeiras, perpetuando a desigualdade e a cultura de dependência.

A atual estrutura sofre, a partir desse projeto, uma alteração significativa, no intuito de atualização das disciplinas e conteúdos, com vistas a uma eficiência e eficácia operacional e uma construção dos saberes.

O sucesso na implantação deste Projeto Pedagógico exige um acompanhamento contínuo e permanente das ações nele contidas, comportando um processo também contínuo de reflexão e reprocessamento na sua natureza e objetivos.

Em face disso, propõe-se a observar, alguns procedimentos que devem ser seguidos para que se possa operacionalizar a avaliação:

- No início de cada período letivo, será realizado um seminário com a participação de todos os professores para se discutir a metodologia de ensino e o sistema de avaliação;
- No decorrer do semestre, o Curso será sistematicamente acompanhado com o uso do instrumento de avaliação - questionário e através de reuniões periódicas com representantes discentes;
- E, no final de cada semestre, docentes e discentes se reunirão para avaliar os aspectos do processo de ensino-aprendizagem, enumerando as debilidades e fortalezas do Curso com vistas à otimização de todo o processo educacional.

4.2 MISSÃO DO CURSO DE LETRAS LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA, LÍNGUA INGLESA E LITERATURAS – CESI

A indissociável relação teoria/prática e o princípio da construção histórica e interdisciplinar do conhecimento desenvolvido através de atitudes investigativas e reflexivas de sua prática acadêmica implicam em uma dinâmica curricular onde teoria e prática estejam presentes de forma dialética na formação do futuro profissional.

O Curso de Letras – Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Literaturas reconhece que sua função é formar educadores capazes de construir e disseminar conhecimentos pedagógicos e práticas técnico-científico-culturais, alicerçadas na pesquisa, nas exigências

sociais necessárias ao desenvolvimento da região, buscando construir uma sociedade com visão crítica e participativa.

Assim, a missão do curso de Letras Licenciatura em Língua Inglesa, Língua Portuguesa e Literaturas é formar um profissional qualificado que, ao dominar o conhecimento da sua língua materna e da língua inglesa e literaturas, possa servir à comunidade com consciência de ser humano, educado e cidadão, que possa servir à sociedade nas diversas habilidades de sua área de atuação.

4.3 OBJETIVOS DO CURSO

Preocupado com as evoluções, mudanças socioculturais, econômicas e políticas, amparado pela nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96, o Curso de Letras – Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Literaturas do CESI empenha-se em estimular a criação e desenvolvimento do espírito científico, reflexivo, bem como formar profissionais competentes nas áreas de expressão linguística e literária para que exerçam sua cidadania no campo cultural, político e profissional.

A nova LDB 9394/96, em seu Art. 61, aponta para a associação entre teorias e práticas, inclusive mediante a capacitação em serviço, aproveitamento da formação e experiências anteriores em instituições de ensino em outras atividades. Isso ratifica a importância de se redimensionar a formação dos profissionais em educação, dando a essa formação um caráter polivalente que contenha criatividade, autodidatismo, consciência política, espírito empreendedor, capacidade de trabalhar em equipe, flexibilidade, princípios éticos e morais, valores esses adquiridos e empregáveis em qualquer área do conhecimento.

O profissional de Letras deverá compreender a realidade que o circunda, buscando sustentação nas diferentes áreas do conhecimento, articulando a teoria à prática, a reflexão à ação e estar cômico do seu saber, do fazer e do saber ser.

Assim, o Curso de Letras – Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Literaturas do CESI-UEMA que visa, profissionalmente, a formar professores para atuarem em escolas de Ensino Fundamental e Médio das redes oficial e particular, bem como formar cidadãos críticos capazes de transformar a sociedade através da educação tem seus objetivos pautados em um ensino que seja significativo para a vida dos aprendizes.

4.3.1 Objetivos gerais

- Contribuir para a educação do ser humano, fornecendo-lhe elementos possibilitadores de sua crescente humanização, instrumentando-o para servir com consciência e dignidade a sociedade na qual está inserido;
- Preparar profissionais de Língua Portuguesa e Língua Inglesa capazes de dominar a norma culta padrão e de compreender a organização e o funcionamento da Língua Portuguesa e da Língua Inglesa nos planos linguístico e literário, no interior da sociedade brasileira e de outras sociedades, que sejam usuárias da Língua Inglesa, desenvolvendo práticas que ampliem as possibilidades interpretativas e a organização do trabalho intelectual do sujeito letrado.

4.3.2 Objetivos Específicos

- Ampliar o domínio da Língua Inglesa em termos de leitura, escrita, compreensão e expressão oral de diferentes tipos de textos através de diferentes gêneros discursivos;
- Conhecer e compreender as diferentes teorias e instrumentos linguísticos que sustentam as práticas de Língua Portuguesa e de Língua Inglesa na sociedade brasileira e nas sociedades de Língua Inglesa;
- Compreender o funcionamento da Língua Portuguesa, sincrônica e diacronicamente, em seus diferentes níveis e modalidades, sistematizando, descrevendo e analisando os fatos linguísticos;
- Reconhecer as variedades linguísticas do Português e os efeitos de sentido que elas provocam em termos linguísticos, literários, sociais e políticos.

4.3.3 Objetivos Curriculares

- Formar profissionais que apresentem conhecimentos e habilidades consistentes nas áreas de concentração do Curso (Língua Portuguesa/Linguística, Literatura e Língua Inglesa);
- Capacitar profissionais que atendam à demanda do Ensino Fundamental e Médio, bem como de outras atividades técnicas concernentes à educação na região sul-maranhense;
- Proporcionar ao acadêmico de Letras uma visão plural e crítica da realidade educacional a fim de que ele possa ser peça fundamental para a transformação da sociedade sul-maranhense;

- Formar profissionais capazes de perceber e lidar com as diferentes dificuldades relacionadas ao ensino-aprendizagem de línguas, fornecendo-lhes condições de solucioná-las gradativamente, com moderação e maturidade;
- Permitir ao educando que durante o Curso, vá adquirindo consciência do seu papel de cidadão responsável pela transformação da sociedade;
- Desenvolver no futuro profissional a perspectiva solidária e humana, para que o mesmo tenha condições de crescer, enquanto profissional e acima de tudo como ser humano que seja capaz de mediar a aprendizagem de outros seres humanos.

4.3.4 Estratégias de Realização dos Objetivos do Curso

Tendo em vista a persecução dos objetivos acima estabelecidos e o seguimento das diretrizes indicadas, esboçamos as seguintes estratégias de ação para o curso, cujas instâncias devem estar abertas a propostas da comunidade interna e externa e devem ser aprovadas pelo Colegiado do Curso:

1. Criação e desenvolvimento de um Colegiado de Curso, que integre os corpos docente e a administração do curso, em uma gestão democrática e participativa das atividades desenvolvidas a partir das diretrizes definidas por este Projeto Pedagógico;
2. Criação e desenvolvimento de meios de comunicação efetivos dentro da comunidade interna, entre a comunidade interna e a sociedade em geral e vice-versa:
 - a) *Site* (local virtual) do curso na Internet, com ligações para outros *sites* relevantes, com atualização dinâmica, que reflita o dia-a-dia do curso e com vistas ao recebimento de mensagens externas;
 - b) Revista do curso, de circulação interna e externa, com produções do corpo docente e discente;
 - c) Outros meios de comunicação, provocados internamente;
 - d) Utilização de programas das emissoras locais de rádio e televisão para divulgação das produções do Departamento.
3. Realização de eventos que possibilitem o intercâmbio e a ligação da comunidade interna com profissionais e personalidades em relevância, que sirvam de referência, ou seja, motivo de debate para a comunidade acadêmica, para o mercado ou para a sociedade em geral:
 - a) Aula inaugural a ser realizada no início de cada semestre letivo;

- b) Encontros, debates e seminários fortuitos provocados interna ou externamente.
- 4. Realização de eventos que possibilitem à comunidade interna o acesso direto à sociedade em geral, à comunidade acadêmica ou ao mercado, *in loco* ou a partir do Campus:
 - a) Visita à comunidade estudantil pré-universitária;
 - b) Encontros, debates e seminários fortuitos provocados interna ou externamente.
- 5. Realização de eventos e atividades que possibilitem intercâmbio e a ligação da comunidade acadêmica interna, dos *Campi* – discentes, docentes e administradores – entre si:
 - a) Festas ou encontros culturais a serem realizados durante cada semestre;
 - b) Reunião de acompanhamento do curso, a ser realizada mensalmente;
 - c) Acompanhamento do rendimento acadêmico, a ser realizado a cada semestre;
 - d) Realização de seminários e reuniões, provocados internamente.
- 6. Participação de representantes do Curso em congressos, encontros, seminários locais, regionais, nacionais, internacionais que tenham relevância e pertinência e que sejam considerados de especial interesse para o desenvolvimento do nível acadêmico do Curso.
- 7. Criação e execução de Cursos de Extensão que apoiem a atividade acadêmica ou que integrem a universidade com a sociedade civil;
- 8. Realização de Cursos de Pós-Graduação que capacite a comunidade local ou regional;
- 9. Criação de parcerias com outras instituições de modo a facilitar intercâmbios científicos e culturais, visitas técnicas, palestras, debates, seminários, assim como a realização de estágios pelo corpo discente;
- 10. Incentivo à participação voluntária dos alunos em monitorias nas disciplinas em que os alunos demonstrem maior deficiência ou nas que a assistência deva ser mais necessária.

4.4 TITULAÇÃO CONFERIDA PELO CURSO

O egresso do Curso de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Literaturas receberá a titulação de Licenciado em Letras.

4.5 DESAFIOS DO CURSO DE LETRAS LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA, LÍNGUA INGLESA E LITERATURAS DO CESI

Para formar um profissional competente que possa atuar em diferentes segmentos da área da linguagem, o Curso de Letras Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Literaturas precisa ter uma estrutura de sustentação, que vai desde o estudo das disciplinas das áreas metodológicas,

conteúdos específicos e conteúdos genéricos, voltados para o ensino e a pesquisa até às práticas, como professores competentes e bem remunerados, biblioteca atualizada e laboratório bem equipado. Assim, os desafios do curso são:

- Conclusão do curso em nove períodos;
- Composição de quadro docente que atenda à demanda do curso com suas respectivas habilitações;
- Ampliação do quadro administrativo com profissionais devidamente capacitados para as funções;
- Ampliação e atualização periódica do acervo bibliográfico;
- Aquisição de recursos técnicos e tecnológicos para atender às necessidades dos docentes e discentes do curso;
- Reforma e atualização do laboratório de línguas;
- Implantação de uma sala específica para sessões de vídeo;
- Ampliação do número de salas de aula;
- Promover cursos e atividades de extensão (cursos, minicursos, encontros);
- Implantação de cursos sequenciais e de Pós-graduação;
- Incentivar a pesquisa científica tanto dos docentes quanto dos discentes;
- Produção de periódico (jornal ou revista) que contemple a produção científica e literária dos discentes e docentes do curso;
- Avaliação semestral dos professores e funcionários do curso.

Vale ressaltar que o Departamento de Letras está funcionando precariamente devido à falta de professores nomeados que venham a atender à demanda de disciplinas exigidas pelos discentes das duas habilitações do curso e também dos Cursos de Geografia, História, Matemática, Química, Física, Biologia, Administração. Assim, o período máximo de integralização curricular está seriamente comprometido e necessitamos urgentemente de concurso público para algumas disciplinas, especialmente para as disciplinas do núcleo comum.

4.6 DEMANDAS, VAGAS, TURMAS E TURNO DE FUNCIONAMENTO DO CURSO

Como se observa no quadro seguinte, embora o número de vagas para o Curso de Letras/Inglês tenha sido reduzido, a demanda em 2014, praticamente dobrou em relação ao ano anterior.

Corpo Discente			
Curso: Letras Licenciatura em Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Literaturas			
ANO	DEMANDA	OFERTA VERIFICADA	PROCESSO SELETIVO
2013	34	40	2012.2
2014	83	30	2013.2

4.7 DEMONSTRATIVO DA MÉDIA DOS COEFICIENTES DOS ALUNOS

O quadro seguinte apresenta a média do coeficiente dos alunos de 2013 a 2014. O coeficiente do curso é obtido através da soma das notas de todos os alunos matriculados e da extração da média aritmética dessas notas.

ANO	VAGAS	INGRESSO	TURNO	TURMA	DESISTÊNCIA	EVASÃO	REPETÊNCIA	MÉDIA DO COEFICIENTE
2013	40	26	VESP.	ÚNICA	02 (Doc. em anexo)	----- (Doc. em anexo)	Doc. em anexo	6.3
2014	30	30	Not.	ÚNICA	02 (Doc. em anexo)	----- Doc. em anexo	Doc. em anexo	

4.8 PERFIL DO PROFISSIONAL DE LETRAS LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA, LÍNGUA INGLESA E LITERATURAS

O profissional licenciado em Letras – Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Literaturas está habilitado a atuar no Ensino Fundamental e Médio, exercendo sua função docente crítica e consciente, buscando efetuar as necessárias mudanças, com vistas à otimização do processo ensino-aprendizagem, sem perder de vista a realidade específica do aluno desta região. Esse profissional, pelo currículo que lhe é oferecido, está apto, também, a mediar o processo de aprendizagem de forma que possa desenvolver no aluno a capacidade de análise, o espírito crítico, a capacidade de raciocínio e a criatividade.

O licenciado em Letras – Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Literaturas tem formação de caráter humanístico e conhecimento linguístico-cultural. Portanto, compete a esse profissional

atuar de forma contínua e dinâmica no ensino de língua e literaturas nacional e estrangeira e atuar também na dualidade da produção científica e literária no contexto educacional.

Os estudos referentes à Língua Portuguesa e literaturas de Língua Portuguesa deverão concorrer para uma maior compreensão da natureza humana, para o desenvolvimento da capacidade intelectual e criativa do acadêmico e, conseqüentemente, para o desenvolvimento social.

O Departamento do Curso de Letras se empenhará, ainda, para que o egresso deixe a instituição com os seguintes atributos e qualidades pessoais:

a) Atributos:

- Sólida base cultural;
- Autodidatismo – aprender a aprender;
- Interesses em assuntos gerais;
- Espírito empreendedor;
- Habilidade em reconhecer oportunidades;
- Capacidade de trabalhar em equipe;
- Capacidade de ler, redigir e expressar-se coerentemente em língua portuguesa e inglesa.

b) Qualidades Pessoais:

- Consciência política e ética nas atitudes;
- Criatividade;
- Meticulosidade;
- Perseverança;
- Desembaraço;
- Serenidade;
- Sociabilidade;
- Bom humor;
- Iniciativa;
- Respeito ao educando;
- Ética nas atitudes.

4.9 ÁREAS DE ATUAÇÃO DO PROFISSIONAL DO CURSO DE LETRAS

Historicamente, os cursos de Letras das IES se preocupam, quase que exclusivamente, com a formação do profissional para o exercício do magistério. O leque desse profissional, de uns anos para cá, embora a opção magistério continue plena, ampliou-se significativamente.

Hoje, o profissional dessa área trabalha, na prática, com todas as facetas da linguagem humana, que compreendem:

1. O Ensino Fundamental e Médio, cursos livres, aulas particulares e de reforço, magistério superior, instrutor para organizações, ensino de línguas para fins específicos ou instrumental;
2. A redação, pela produção e/ou revisão de textos, copidesque, editoração, secretariado e, não fossem certos óbices legais, o jornalismo e os secretariado executivo bilíngue.

Assim, as atividades de um licenciado em Letras Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Literaturas vão além do trabalho docente. Esse profissional poderá também exercer atividades diversas, como editoração de textos, assessoria de redação, revisor e consultor em instituições de pesquisa de serviço público, em empresa de turismo, de jornalismo, em órgão de difusão cultural e artística, em agências de publicidade, em representações diplomáticas e em editoras.

4.10 NORMAS DE FUNCIONAMENTO DO CURSO

Há algumas orientações estabelecidas e acordadas, pela gestão do Curso, especialmente, relacionadas ao TCC, porém, o Curso segue as Normas Gerais do Ensino de Graduação, estabelecidas pelo Campus Central e aprovadas pela Resolução nº 1045/2012 – CEPE/UEMA, 19 de dezembro de 2012. Estas normas encontram-se nos anexos.

5 GESTÃO ACADÊMICA DO CURSO

O Curso é gerido por docentes do quadro do CESI/UEMA, do Departamento de Letras e, principalmente pelos integrantes do curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Literaturas. A gestão é composta da seguinte forma:

- Pela Chefia de departamento;
- Pela Direção de curso;
- Pela Assembleia departamental;
- Pelo Colegiado;
- Pelo Núcleo Docente Estruturante (NDE).

5.1 COLEGIADO DO CURSO

O Colegiado do Curso, como um órgão deliberativo e consultivo do curso, para realizar sua tarefa, adota as Normas Específicas aprovadas pela Resolução nº 890/2009-CEPE/UEMA. O Colegiado do Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Literaturas foi formado conforme o Capítulo V, Art. 19 a 22, Seção I a III das orientações do Regimento dos Órgãos Deliberativos e Normativos da UEMA e tem a seguinte composição: um presidente (o diretor do curso) e mais cinco professores.

As reuniões do colegiado do Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Literaturas ocorrem, em sua maioria, em caráter extraordinário, ou seja, ele é convocado quando surge uma necessidade. O colegiado do Curso é formado pelos seguintes membros:

Presidente	Elizabete Rocha de Souza Lima
Professor	Antônio Coutinho Soares Filho
Professora	Diana Barreto Costa
Professora	Domingas Alves Bandeira
Professora	Edna Souza Cruz
Professor	Gilberto Freire de Santana
Professora	Ilza Léia Ramos Arouche

Professora	Hildenê Alves Severo
Professora	Kátia Carvalho da Silva
Professora	Lílian Castelo Branco de Lima
Professora	Márcia Suanny D. Cavalcante
Professora	Maria da Guia Taveiro Silva
Professora	Maria do Socorro Gomes
Professora	Monica Assunção Mourão
Professora	Orleane Evangelista de Santana
Professora	Rute Maria Chaves Pires
Professora	Sonia Maria Nogueira
Professor do Dep. de Pedagogia: Francisco de Assis Almada	
Professora do Dep. de Filosofia: Dayse Lima Cavalcante	
Representante Discente: Poliana Xavier Albuquerque	

5.2 NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE (NDE)

Os membros do Núcleo Docente estruturante (NDE) foram indicados pelo colegiado e têm função consultiva, propositiva e de assessoramento das atividades do Curso. O mandato é de 3 anos, podendo ser renovado por mais dois. O NDE deve ter, pelo menos, duas reuniões semestrais.

Atualmente fazem parte do NDE do Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Literaturas os seguintes membros:

NOME DO DOCENTE	TITULAÇÃO MÁXIMA
Professora Elizabete Rocha de Souza Lima*	Mestre
Professora Maria da Guia Taveiro Silva	Doutora
Professora Ilza Léia Ramos Arouche	Mestre
Professora Rute Maria Chaves Pires	Mestre
Professora Hildenê Alves Severo	Especialista

(*) Diretora do Curso

5.3 AVALIAÇÃO CURRICULAR: USO DOS RESULTADOS DAS AVALIAÇÕES NA MELHORIA DA QUALIDADE DO CURSO

As notas obtidas nas avaliações, às quais o curso é submetido, como o Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade), por exemplo, são consideradas como bons indicadores para o planejamento estratégico de melhoria do curso.

Desta forma, quando se recebe as notas/os conceitos, são realizadas reuniões e feitas reflexões e discussões com alunos e professores com o objetivo de avaliar onde e como se pode melhorar. Como uma das ações que podem contribuir para a melhoria da qualidade da formação dos alunos é o incentivo à formação dos professores. Desta forma, dos efetivos, até agora, somente um ainda não cursou ou está cursando, pelo menos, o mestrado. A nota que se obtém é fator relevante, pois a sobrevivência do curso está relacionada à ela. O último conceito publicado nas avaliações realizadas pelo MEC/Enade foi o seguinte:

NOTAS ENADE – LETRAS LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA, LÍNGUA INGLESA E LITERATURAS	
ANO	NOTA
2011	3
2014	A ser divulgada

6 CURRÍCULO DO CURSO

O Currículo do Curso de Letras – Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Literaturas aliado ao conhecimento, precisa ser visto como uma construção e produção de relações sociais, orientado em uma perspectiva crítica, cuja ação-reflexão-ação se firme como atitude com vistas a ultrapassar a visão do senso comum.

Partindo-se do princípio que alguns dos alunos deste curso já são professores, convém ressaltar que sua prática profissional será levada em consideração para a formação da nova estrutura curricular, visto que os núcleos metodológicos do curso são o princípio educativo do trabalho, concebido na indissociável relação teoria-prática e o princípio construtivista.

O Currículo do Curso de Letras Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Literaturas apoia-se em dois núcleos de estudos: os fundamentos da educação, que estão voltados para a complexidade do fenômeno educativo escolar, enquanto prática social e institucional; as matérias, que embasam o ensino da língua materna e das literaturas objeto do curso, trabalhadas em seus fundamentos epistemológicos, metodológicos e pedagógicos.

A sociedade exige competência científica e técnica, além de uma sólida visão política e postura ética. Constata-se nessa exigência a importância da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, como garantia de uma formação contextualizada.

Dessa forma, o conceito de indissociabilidade perpassa a produção do saber novo, o uso de práticas de intervenção direta nos processos sociais, assim como a formação de profissionais comprometidos com o investigar os novos rumos apontados pela sociedade.

Princípios axiológicos (sensibilidade, ética, igualdade) e pedagógicos (identidade, diversidade, autonomia, interdisciplinaridade e contextualização) são indispensáveis na organização curricular do Curso, pois somente assim será oportunizado ao graduando realizar suas ações com êxito. Observando esses princípios, cada disciplina deve contemplar as diversidades e heterogeneidade para se chegar a uma unidade. Deve-se, então, pensar conjuntamente o currículo, sua estrutura e seus métodos, não desvalorizando a interdisciplinaridade.

6.1 REGIME ESCOLAR

1. Duração do Curso

Mínima: 4 anos e meio

Máxima: 8 anos

2. Regime: semestral com disciplinas semestrais

3. Dias anuais úteis: 200

4. Dias úteis semanais: 6

5. Semanas aulas semestrais: 18

6. Semanas matrículas semestrais: 1

7. Semanas provas semestrais: 3

8. Carga horária do currículo pleno:

Horas: 3.780

Créditos: 156

9. Sistema de créditos:

15 aulas teóricas = 1 crédito

30 aulas práticas = 1 crédito (em atividades individuais ou em grupo, com ou sem tutoria, em iniciação científica, na elaboração de monografia final de graduação, em estágios e prestação supervisionada de serviços à comunidade, etc.)

45 aulas de estágio = 1 crédito

10. Módulo/aula: 45 minutos

11. Horário de Funcionamento do Curso:

Tarde: 13:20 às 18:20

Noite: 18:20 às 22:30

6.2 PROPOSTA CURRICULAR

Os currículos do Curso de Letras Português/Inglês e Português/Literatura, desativados em 2002-2003, teve como fundamentação a Resolução s/n de outubro de 1962.

A estrutura curricular abrangia uma sequência ordenada de disciplinas agrupadas em períodos semestrais, cuja integralização dava direito ao diploma. O controle da integralização curricular era feito pelo sistema de períodos semestrais, correspondendo cada período ao mínimo de 300 e ao máximo de 375 horas/aula.

O Curso de Letras Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Literaturas continuará estruturado em sistema de créditos, havendo aulas teóricas e práticas, seguidas de Prática de Ensino e Estágio Curricular. Na organização curricular, as matérias permanecerão desdobradas em disciplinas, estabelecendo-se um sistema de modo a assegurar a ordenação lógica dos conhecimentos.

Ressalta-se que o Parecer do Conselho Nacional de Educação nº 28/2001 –CNE/CP, aprovado em 02/10/01, determina a Prática de Ensino, como componente curricular, considerando a relação teoria e prática tal como expressa o Art. 1º, Parágrafo 2º da LDB, bem como o Art. 3º inciso XI, que apresenta o conceito de Prática de Ensino no Parecer CNE/CP 09/01, revogando a Resolução nº 050/97 CEPE/UEMA que estabelecia a carga horária de 300 horas para a Prática de Ensino nos Cursos de Licenciatura.

Neste Projeto será considerada a alteração prevista por esse Parecer, que obriga o aumento da carga horária para mais de um terço da carga horária anterior (300 horas), perfazendo um total de 405 horas, ou seja, 9 (nove) créditos de 45 horas.

Entretanto, obedecendo ao Projeto de Resolução CNE/CP de agosto de 2001, Parágrafo Único, Art. 1º diz que: “*os alunos que exercerem atividades docentes regular na educação básica poderão ter redução da carga horária do estágio curricular supervisionado até o máximo de 200 horas*”. Assim obedeceremos *ipsis literis* o que reza este Projeto.

Deverão ser previstas ainda, 225 (duzentas e vinte cinco) horas destinadas a outras formas de atividade acadêmico-científico-culturais que serão efetivadas através de monitorias, produção de estudos elaboração de pesquisas, oficinas, seminários, eventos, atividades de extensão e minicursos relacionados ao ensino de Letras.

Outra alteração a ser feita por este Projeto será a mudança dos nomes das disciplinas do currículo antigo, por uma nomenclatura que esteja relacionada diretamente aos conteúdos curriculares das disciplinas, eliminando-se os algarismos romanos, que nada informam sobre o seu significado, como também determina a Resolução nº 203/2000 – CEPE/UEMA, respaldada no Art. 53, inciso II da LDB nº 9394/96. Ressalta-se que até mesmo as disciplinas relacionadas à língua estrangeira seguirão esta determinação, para que, dessa maneira, esteja explicitado o que será trabalhado a cada semestre.

Este Projeto, fundamentado nas Diretrizes do Curso de Letras Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Literaturas, integrará os conteúdos caracterizadores de formação profissional em Letras aos conteúdos básicos ou do núcleo comum.

6.3 DISCIPLINAS DO CURSO DE LETRAS LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA, LÍNGUA INGLESA E LITERATURAS DO CESI/UEMA

O Curso de Letras/Inglês, possui uma carga horária de 3.780 horas, distribuída entre 45 disciplinas, 225 horas de Atividades Acadêmico-Científico-Culturais – AACC e finaliza com a elaboração e defesa de monografia ou TCC, conforme demonstrado no quadro seguinte.

Ord.	Cód.	1º PERÍODO – DISCIPLINAS	CH	Créditos		Total
				Teórico	Prático	
1	ULET134	Leitura e Produção Textual (NC)	60	04	---	04
2	ULET02	Morfossintaxe da Língua Latina (NCL)	60	04	---	04
3	ULET03	História da Literatura (NCL)	60	04	---	04
4	ULET135	Filosofia da Educação (NC)	90	06	---	06
5	ULET05	Metodologia Científica (NC)	60	04	---	04
6	ULET24	Introdução à Expressão Oral em Língua Inglesa (NE)	60	04	---	04
TOTAL			390	26	---	26
		2º PERÍODO – DISCIPLINAS	CH	Créditos		Total
				Teórico	Prático	
7	ULET07	Fonética e Fonologia da Língua Portuguesa (NCL)	60	04	---	04
8	ULET136	Psicologia da Aprendizagem (NC)	60	04	---	04
9	ULET137	Expressão Oral em Língua Inglesa - Nível Básico (NE)	60	04	---	04
10	ULET176	Fundamentos da Linguística (NCL)	60	04	---	04
11	ULET11	Sociologia da Educação (NC)	60	04	---	04
12	ULET138	Práticas de Projetos Pedagógicos (NCL)	135	---	03	03
TOTAL			435	20	03	23
		3º PERÍODO – DISCIPLINAS	CH	Créditos		Total
				Teórico	Prático	
13	ULET139	Didática (NC)	90	06	---	06
14	ULET10	Teoria Literária: introdução aos estudos literários e o gênero lírico e o épico (NCL)	60	04	---	04
15	ULET140	Análise do Discurso (NCL)	60	04	---	04
16	ULET25	Morfossintaxe da Língua Portuguesa (NCL)	60	04	---	04
17	ULET27	Fonética e Fonologia da Língua Inglesa (NE)	60	04	---	04
18	ULET32	Prática de Análise Linguística e Textos Literários em Língua Portuguesa (NCL)	135	---	03	03
TOTAL			465	22	03	25
		4º PERÍODO – DISCIPLINAS	CH	Créditos		Total
				Teórico	Prático	
19	ULET26	Expressão Oral em Língua Inglesa – Nível Intermediário (NE)	60	04	---	04
20	ULET141	Teoria Literária: Correntes da Crítica Literária e o gênero dramático (NCL)	60	04	---	04
21	ULET30	Literatura Portuguesa das origens ao Realismo (NCL)	60	04	---	04
22	ULET29	Literatura Brasileira das origens ao Romantismo (NCL)	60	04	---	04
23	ULET09	Política Educacional Brasileira (NC)	60	04	---	04

24	ULET142	Prática Interdisciplinar de Leitura em Língua Inglesa (NE)	135	---	03	03
TOTAL			435	20	03	23
5º PERÍODO – DISCIPLINAS			CH	Créditos		Total
				T	P	
25	ULET33	Semântica da Língua Portuguesa (NCL)	60	04	---	04
26	ULET15	Literatura Portuguesa do Simbolismo às Tendências Contemporâneas (NCL)	60	04	---	04
27	ULET31	Literatura Brasileira do Realismo ao Modernismo (NCL)	60	04	---	04
28	ULET34	Literatura Inglesa das origens ao Período Elisabetano (NE)	60	04	---	04
29	ULET28	Morfossintaxe da Língua Inglesa (NE)	60	04	---	04
30	ULET43	Expressão Oral em Língua Inglesa – Nível Avançado (NE)	60	04	---	04
TOTAL			360	24	---	24
6º PERÍODO – DISCIPLINAS			CH	Créditos		Total
				T	P	
31	ULET18	Lusofonia (NCL)	60	04	---	04
32	ULET144	Literatura Brasileira do Modernismo às Tendências Contemporâneas (NCL)	60	04	---	04
33	ULET	Optativa I (NL)	60	04	---	04
34	ULET36	Estágio Curricular Supervisionado em Língua Portuguesa – Ensino Fundamental (NCL)	225	---	05	05
TOTAL			405	12	05	17
7º PERÍODO – DISCIPLINAS			CH	Créditos		Total
				T	P	
35	ULET38	Literatura Norte-Americana (NE)	60	04	---	04
36	ULET37	Literatura Inglesa do Romantismo às Tendências Contemporâneas (NE)	60	04	---	04
37	ULET20	Produções Acadêmico-Científicas (NCL)	60	04	---	04
38	ULET41	Estágio Curricular Supervisionado em Língua Inglesa – Ensino Fundamental (NE)	225	----	05	05
TOTAL			405	12	05	17
8º PERÍODO – DISCIPLINAS			CH	Créditos		Total
				T	P	
39	ULET16	Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS (NC)	60	04	---	04
40	ULET177	Linguística Aplicada (NE)	60	04	---	04
41	ULET	Optativa II (NL)	60	04	---	04
42	ULET42	Estágio Curricular Supervisionado em Língua Portuguesa – Ensino Médio (NCL)	180	---	04	04
TOTAL			360	12	04	16
9º PERÍODO – DISCIPLINAS			CH	Créditos		Total
				T	P	
39	ULET39	Produção Textual em Língua Inglesa (NE)	60	04	---	04
40	ULET40	Literaturas Africanas de Língua Portuguesa (NCL)	60	04	---	04
41	ULET43	Estágio Curricular Supervisionado em Língua Inglesa- Ensino Médio (NE)	180	---	04	04
TOTAL			360	12	04	16
42	ULET22	Atividades Acadêmico-Científico-Culturais - AACC	225	---	05	05
	ULET23	Trabalho de Conclusão de Curso – TCC	---	---	---	---

TOTAL	525	08	09	17
TOTAL GERAL	3.780	156	32	188

6.3.1 Disciplinas de Formação Específica

Conforme as Diretrizes Curriculares para o Curso de Letras Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Literaturas, o núcleo comum de conhecimentos a serem adquiridos, em qualquer modalidade, corresponde essencialmente ao conjunto de conteúdos propostos para o Exame Nacional dos Cursos de Letras Português/Inglês. Em síntese temos:

Língua Portuguesa:

- Leitura e Produção de Textos
- Fonologia
- Morfologia
- Sintaxe
- Semântica
- Estilística
- Expressão Oral e Escrita em Língua Inglesa

Literaturas Brasileira e Portuguesa:

- Condições de produção, circulação e recepção das obras relevantes das literaturas brasileira e portuguesa em seus diferentes momentos históricos;
- Leitura crítica das obras relevantes das literaturas brasileira e portuguesa;
- Articulação das categorias relevantes de diferentes teorias da literatura às obras das literaturas brasileira e portuguesa.

Teoria da Literatura:

- Conceitos, funções, gêneros e periodização da literatura;
- Diferentes vertentes dos estudos literários;
- Elementos constitutivos da prosa, da poesia e do teatro

Linguística:

- Aspectos fonéticos e fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos, pragmáticos, discursivos, sociais, psico-cognitivos e culturais da linguagem;
- Teorias da aquisição da linguagem oral e da linguagem escrita.

Língua Inglesa:

O estudo da Língua Inglesa e das literaturas dessa língua tem sido o diferencial entre os cursos de Letras Português/Literatura e Letras Português/Inglês. No caso das habilitações em Letras clássicas e estrangeiras, recomenda-se a ênfase, no que couber nos componentes de conteúdo elencados anteriormente. Porém, no curso de Letras do CESI destaca-se ênfase nos conteúdos que capacitem aos alunos a fazer uso, de forma coesa e coerente, tanto da escrita quanto da oralidade da Língua Inglesa. Por isso, as aulas de expressão oral em Língua Inglesa são ministradas totalmente na língua alvo. Essa prática se inicia ainda no primeiro semestre, através da disciplina de 60 horas, Introdução à Expressão Oral e Escrita em Língua Inglesa e se estende a todos os demais semestres.

6.3.2 Disciplinas Comuns a outros Cursos

Os cursos de licenciaturas da UEMA/CESI possuem na sua estrutura curricular oito disciplinas que são comuns a todos eles, conforme se observa no Anexo B. Neste caso tanto os alunos de Letras podem cursar qualquer uma dessas disciplinas em outro curso, desde que seja uma das licenciaturas, quanto os alunos de outros cursos podem solicitar sua matrícula para cursarem a disciplina do seu interesse no curso de Letras/Inglês. O único critério para a aceitação da matrícula de alunos de diferentes cursos nas chamadas Disciplinas Comuns a outros Cursos é a disponibilidade de vagas na turma em que for ofertada a disciplina.

Os discentes de outras áreas (afins) de conhecimento que queiram obter outra habilitação de natureza complementar com o fim de expandir qualitativamente seu perfil profissional, sejam eles já graduados ou em via de graduação em outras áreas, terão seu ingresso garantido através de um processo seletivo. Neste caso esses discentes poderão pedir aproveitamento das disciplinas comuns que já foram cursadas. O deferimento ou indeferimento do seu pedido, no entanto, estará condicionado à equivalência entre o conteúdo e à carga horária da disciplina cursada e a que fora solicitada o aproveitamento.

6.3.3 Disciplinas Livres (Disciplinas Complementares ou Optativas)

Para integralizar os créditos do curso o aluno deverá cursar duas disciplinas que fazem parte das elencadas como disciplinas do Núcleo Livre ou Optativas, conforme descreve. Essas disciplinas são denominadas de livres ou optativas, porque cabe ao aluno decidir quais delas vai cursar.

Ord.	DISCIPLINAS DO NÚCLEO LIVRE (NL)	CH	CR
1	Educação Especial e Inclusiva (NL)	60	4
2	História da Educação Brasileira (NL)	60	4
3	Filosofia da Linguagem (NL)	60	4
4	Teoria da Comunicação (NL)	60	4
5	Cultura e Realidade Brasileira (NL)	60	4
6	Língua Estrangeira Instrumental (NL)	60	4
7	História e Cultura Indígena (NL)	60	4
8	Filologia Românica (NL)	60	4
9	Literatura Infanto-Juvenil (NL)	60	4
10	Projetos de Pesquisa (NL)	60	4
11	Metodologia do Ensino de Língua Inglesa (NL)	60	4
12	Sociolinguística (NL)	60	4

6.4 EMENTÁRIOS E REFERÊNCIAS DAS DISCIPLINAS DO CURRÍCULO PLENO DO CURSO DE LETRAS LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA, LÍNGUA INGLESA E LITERATURAS

1º PERÍODO

❖ LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL – 60h – (NC)

Linguagem. Texto e textualidade. Gramática do texto. Critérios para a análise da coerência e da coesão. Intertextualidade. Prática de leitura e produção de textos.

BIBLIOGRAFIA:

Básica:

BRAGA, Regina Maria; SILVESTRE, Maria de Fátima Barros. Construindo o leitor competente: atividades de leitura interativa para a sala de aula. São Paulo: Peirópolis, 2002.

DIONISIO, Ângela Paiva et al. (Org.) Gêneros textuais & ensino. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

GERALDI, João Wanderley. O texto na sala de aula. São Paulo: Ática, 2003.

KLEIMAN, Ângela. Leitura: ensino e pesquisa. Campinas, SP: Pontes, 2001.

KOCH, Ingedore G. Villaça. A coesão textual. São Paulo: Contexto, 2003.

_____; **TRAVAGLIA, Luiz Carlos. A coerência textual. São Paulo: Contexto, 2003.**

Complementar:

PLATÃO, Francisco; FIORIN, José Luiz. Lições de texto: leitura e redação. São Paulo: Ática, 2003.

VAL, Maria da Graça Costa. Redação e textualidade. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

❖ MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA LATINA – 60h – (NCL)

Civilização romana. Origem e evolução da língua romana. Sintaxe latina. Flexão nominal (1ª, 2ª, 3ª, 4ª e 5ª declinações). Flexão verbal (voz ativa): as quatro conjugações e o verbo ESSERE.

BIBLIOGRAFIA:**Básica:**

ALMEIDA, Napoleão Mendes. Gramática latina. São Paulo: Saraiva, 1995.

COMBA, P. Júlio. Introdução à língua latina. São Paulo: Salesiana, 2002.

MELASSO, Janete. Introdução à prática do latim. Brasília: UNB, 2001.

Complementar:

BUSSARELLO, Raulino. Dicionário básico latino - português 6.ed. Florianópolis: UFSC, 2003.

CARDOSO, Zélia de Almeida. Iniciação ao latim. São Paulo: Ática, 2001.

COMBA, P. Júlio. Gramática latina. São Paulo: Salesiana, 2002.

REZENDE, Antônio Martinez de. Latina essentia: preparação ao latim. 3.ed. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

STOCK, Leo. Gramática de latim. Lisboa: Presença, 2000.

❖ HISTÓRIA DA LITERATURA – 60h – (NCL)

Os gêneros literários clássicos como visões de mundo socialmente diferentes. Literatura grega: a poesia épica clássica; a dramaturgia grega. A periodização da literatura latina. Formação da poesia e da prosa latina. O modelo clássico canônico das epopeias ocidentais; o gênero lírico como expressão da visão democrática e libertadora de parâmetros aristocráticos.

Conceituação de Literatura: discussões em torno da complexidade de uma definição. Elementos envolvidos no processo literário: obra, referente, autor, leitor e linguagem. Literatura e mimese: Platão e Aristóteles. Teoria dos gêneros literários. A especificidade da Literatura Grega e Latina: autores e obras representativas. Poesia x Poema. O gênero lírico: etimologia, origem, natureza da linguagem poética, eu poético, elementos estruturais do poema (estratos gráfico, fônico, lexical, sintático e semântico) e principais formas poemáticas. Análise e interpretação de textos poéticos.

BIBLIOGRAFIA:**Básica:**

AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel. Teoria da literatura. Coimbra: Portugal: Livraria Almedina, 1996.

- AUERBACH, Erich. *Introdução aos estudos literários*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, [s.d].
- CALVINO, Italo. *Por que ler os Clássicos?* São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- D'ONOFRIO, Salvatore. *Teoria de texto 1: prolegômenos e teoria da narrativa*. São Paulo: Ática. _____*.Teoria e texto 2: teoria lírica e do drama*. São Paulo: Ática, 1995.
- MOISÉS, Massaud. *A criação literária: poesia*. 12. ed. rev. São Paulo: Cultrix, 1993.
- SAMUEL, Rogel (org.). *Manual de teoria literária*. 14. ed. rev. e atualiz. Petrópolis: Vozes, 2001.
- STAIGER, Emil. *Conceitos fundamentais da poética*. Tradução de Celeste Aída Galeão. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997 (Coleção Biblioteca Tempo Universitário, 16).

Complementar:

- CADEMARTORI, Lígia. *Períodos literários*. 9. ed. 4. impressão. São Paulo: Ática, 2003 (Série Princípios, 21).
- CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos?* Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. Petrópolis: Vozes: 1992.
- COSTA, Lígia Militz da. *A poética de Aristóteles - mimese e verossimilhança*. São Paulo: Ática, 1992.
- D'ONOFRIO, Salvatore. *Literatura ocidental: autores e obras fundamentais*. 2.ed. São Paulo: Ática, 2002.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. Tradução de Waltensir Dutra; revisão da tradução de João Azenha Jr. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- GOLDSTEIN, Norma. *Versos, sons, ritmos*. 14. ed. rev. e atualizada. São Paulo: Ática, 2007. (Série Princípios, 06).
- GOMES, Álvaro Cardoso; VECHI, Carlos Alberto. *Introdução ao estudo da literatura*. São Paulo: Atlas, 1991.
- JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1994.
- LIMA, Luiz Costa. *Teoria da literatura em suas fontes*. Vols. 1 e 2. Ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

❖ FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO – 90h – (NC)

Filosofia da Educação e suas raízes históricas. Fundamentos filosóficos da educação: concepção humanista – tradicional e moderna. A Filosofia da práxis e a dimensão ontológica da educação. Problemas básicos em Filosofia da Educação. Educando e educador: ideologia e utopia, repressão e libertação. Filosofia da educação no contexto brasileiro.

BIBLIOGRAFIA:**Básica:**

ARANHA, Maria Lucia de Arruda e MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando: introdução à filosofia.** São Paulo: Editora Moderna, 1986.

BONDIN, Jean. **Los seis Libros de La República ao filosofar.** Madrid, Espanha: Editorial Tecnos, 1997.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia.** São Paulo: Ática, 1995.

_____. **O que é ideologia.** São Paulo: Brasiliense, 1985.

DUARTE JUNIOR, João Francisco. **O que é realidade.** São Paulo: Brasiliense, 1995.

Complementar:

GEOVANNI, Reale e ANTISERI, Dário. **História da Filosofia, V. I, II e III.** São Paulo: Paulus, 1990.

GEOVANNI, Reale. **História da Filosofia Antiga, V. I, II, III, IV e V.** São Paulo: Loyola, 1993.

LACORTE, Jean. **A filosofia no século XX.** São Paulo: Papirus, 1992.

LUCKESI, Cipriano Carlos e PASSOS, Elizete Silva. **Introdução a Filosofia, Aprendendo a pensar.** São Paulo: Cortez, 1995.

LORBISIER, Roland. **Introdução a Filosofia.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

LUCKESI, Cipriano Carlos e PASSOS, Elizete Silva. **Introdução a Filosofia, Aprendendo a pensar.** São Paulo: Cortez, 1995.

❖ METODOLOGIA CIENTÍFICA – 60h - (NC)

Metodologia científica. Conhecimento. Ciência. Métodos científicos. Pesquisa científica. Projeto de Pesquisa científica. Projeto de Pesquisa. Relatório científico.

BIBLIOGRAFIA:**Básica:**

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico.** São Paulo: Atlas, 1994.

DEMO, Pedro. **Introdução à metodologia da ciência.** São Paulo: Atlas, 1994.

LAKATOS, E. M., MARCONI, M. de A. **Metodologia científica. 2 ed. Ver. Amp.** São Paulo: Atlas, 1992.

_____. **Metodologia do trabalho científico. 4 ed. Ver. Amp.** São Paulo: Atlas, 1992.

MARCONI, M. de A. , LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 1990.

Complementar:

BUNGE, Mário. Ciência e desenvolvimento. Trad. Claudia Regis Junqueira. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

CERVO, L., BERVIAN, P. A. Metodologia científica, São Paulo: MC Graw - Hill do Brasil, 1976.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. 36 ed. Col. Questões da nossa época nº. 13. São Paulo: Cortez, 1998.

RUIZ, João Álvaro. Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos. São Paulo: Atlas, 1978.

❖ **INTRODUÇÃO À EXPRESSÃO ORAL EM LÍNGUA INGLESA – 60h– (NE)**

Apresentação das funções da língua em situações do cotidiano; Prática fonológica e estudo da estrutura básica da língua inglesa.

BIBLIOGRAFIA

CARLISI, Karen & Susana Christie. Tapestry Listening and Speaking 3. Heinle., 2003.

DAY, Richard R.; YANAMAKA, Junko. Impact Topics: 30 Exciting Topics to Talk About in English. Longman, 2001.

HARTLEY, Bernard. VINEY, Peter. New American Streamline Connections: An Intensive American Series for Intermediate Students. volume 1 e 2. Oxford University Press, 1995.

_____. Destinations: An Intensive American English Series for Advanced Students. Oxford University Press, 1996.

2º PERÍODO

❖ **FONÉTICA E FONOLOGIA DA LÍNGUA PORTUGUESA – 60h – (NCL)**

Fonética. Fonologia. Aparelho fonador. Estudo fonético-fonológico da língua portuguesa, em uso no Brasil, tendo por referência compreensão de variações e variedades de seus registros escritos e orais como recursos expressivos.

BIBLIOGRAFIA:**Básica:**

CAGLIARI, Luis Carlos - Análise fonológica. Série linguística vol.1, Campinas, Ed. do Autor, 1997.

CALLOU, Dinah e LEITE, Ionne - Introdução à Fonética e Fonologia. Rio de Janeiro, Zahar Editora, 1990.

SILVEIRA, Regina Célia Pagliuchi da. Uma pronúncia do português brasileira. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. Estudos de fonética do idioma português. São Paulo: Cortez, 1982.

Complementar:

ASSIS, W. L. N. de. Estudo de curvas entonatórias do português do brasileiro. Dissertação de Mestrado. PUCSP, 2001.

CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetização e linguística. São Paulo: Scipione, 1995.

CALLOU, Dinah, LEITE, Yonne. Iniciação à fonética e à Fonologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

COUTINHO, Ismael de Lima. Gramática histórica. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1976.

❖ PSICOLOGIA DA APRENDIZAGEM – 60h – (NC)

Concepções atuais da Psicologia da Educação. Aspectos gerais do processo ensino – aprendizagem. Fatores psicológicos implicados na aprendizagem escolar. As teorias da aprendizagem. A interação professor/aluno no processo de ensino/aprendizagem. Dificuldades de aprendizagem.

BIBLIOGRAFIA:

CAMPOS, Dinah Martins de Souza. Psicologia e desenvolvimento humano. 3. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

_____. Psicologia da aprendizagem. 30. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

JOSÉ, Elisabete da Assunção; Coelho, Maria Teresa. Problemas de aprendizagem. 12. ed. São Paulo: Ática, 2001

NOVAIS, Maria Helena. Psicologia da educação e prática profissional. Petrópolis, Rj: Vozes, 1992.

TELES, Antonio Xavier. Psicologia moderna. 35. ed. São Paulo: Ática, 2001.

❖ EXPRESSÃO ORAL EM LÍNGUA INGLESA – NÍVEL BÁSICO – 60h – (NE)

Prática oral e escrita de situações em vários locais, identificação de direções, relatos de experiências, ênfase nas habilidades de ouvir, falar, ler e escrever.

BIBLIOGRAFIA

CARLISI, Karen & Susana Christie. Tapestry Listening and Speaking 3. Heinle, 2003.

DAY, Richard R.; YANAMAKA, Junko. Impact Topics: 30 Exciting Topics to Talk About in English. Longman, 2001.

HARTLEY, Bernard. VINEY, Peter. New American Streamline Connections: An Intensive American Series for Intermediate Students. volume 1-2. Oxford University Press, 1995.

_____. Destinations: An Intensive American English Series for Advanced Students. Oxford University Press, 1996.

❖ FUNDAMENTOS DA LINGUÍSTICA – 60h – (NCL)

A natureza da linguagem humana. Conceitos e objetos. A Linguística como Ciência. Teorias das competências linguísticas. Principais teorias linguísticas. O papel da Linguística nos cursos de Letras.

BIBLIOGRAFIA:

FIORIN, José Luiz (org.). Introdução à linguística: objetos teóricos. 6. ed. revista e atualizada, São Paulo: Contexto, 2010.

_____. Introdução à linguística: princípios de análise. 4. ed. 2ª reimpressão, São Paulo: Contexto, 2008.

MARTELOTA, Mário Eduardo (org.). Manual de linguística. 1. ed., 2ª reimpressão, São Paulo: Contexto, 2009.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Cristina (orgs). Introdução à linguística: domínios e fronteiras. Vol. 1. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. Introdução à linguística: domínios e fronteiras. Vol. 2. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. Introdução à linguística: domínios e fronteiras. Vol. 3. São Paulo: Cortez, 2001.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. O que é linguística. São Paulo: Brasiliense, 2008.

❖ **SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO – 60h – (NC)**

Teorias sociológicas da educação. Sociedade, Educação, Cultura e valores. Estudo das concepções teóricas na educação no discurso sociológico dos autores clássicos das ciências sociais e no discurso dos autores contemporâneos. Educação, Política e sociedade: as relações no âmbito interno e externo do sistema escolar. Educação: estabilidade e conflito social.

BIBLIOGRAFIA:

CARVALHO, Alonso Bezerra de, BRANDÃO, Carlos da Fonseca. Introdução à sociologia da cultura, São Paulo: Evercamp, 2005.

CARVALHO, Alonso Bezerra de, SILVA, Wilton Carlos Lima da. Sociologia e Educação, São Paulo: Avercamp, 2006.

DEMO, Pedro. Sociologia da Educação: sociologia e suas oportunidades. Brasília: OLIVEIRA, Betty. A; **DUARTE, Newton.** Socialização do saber escolar. São Paulo: Cortez, 1990.

FRANCO, Luís Antonio de Carvalho. A escola de trabalho da escola. São Paulo: Cortez, 1991.

GADOTTI, Moacir; FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sergio. Pedagogia: diálogo e conflito. São Paulo: Cortez, 1988.

GOH, Maria da Glória. Movimentos sociais e a educação. São Paulo Cortez, 1994.

KRUPPA, Sônia M. Portella. Sociologia da educação. São Paulo: Cortez, 1994.

LENHARD, Rudolf. Sociologia educacional. São Paulo: Pioneira, 1985.

MEKSENAS, Paulo. Sociologia da educação: introdução ao estudo da escola no processo de transformação social. São Paulo: Loyola, 1998.

MELLO, Guiomar de. Cidadania e competitividade: desafios educacionais do terceiro milênio. São Paulo: Cortez, 1995.

RODRIGUES, Neidson. Estado, educação e desenvolvimento econômico. São Paulo: Cortez, 1995.

TOSCANO, Moema. Sociologia da educação. Rio de Janeiro: Vozes, 1984.

❖ **PRÁTICAS DE PROJETOS PEDAGÓGICOS – 135h – (NCL)**

Diretrizes e referenciais curriculares para a educação básica. Os PCN e o Projeto Educativo da escola. Interdisciplinaridade: um novo paradigma curricular. Processos para desenvolver a interdisciplinaridade nas classes escolares. A interdisciplinaridade no planejamento. A Pedagogia de Projetos de ensino: concepção, fundamentação, objetivos e caracterização. A formação de professores e de alunos investigadores. Passos para a construção de projetos. A prática de elaboração e aplicação de projetos pedagógicos.

BIBLIOGRAFIA

Básica

ANDRADE, Rosamaria Calaes de. Interdisciplinaridade: um novo paradigma curricular. In: GOULART, Íris Barbosa (Org.). A educação na perspectiva construtivista: reflexões de uma equipe interdisciplinar. 1ed., Petrópolis-RJ: Vozes, 1995, p.93-104.

BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Nacionais para a Educação Básica. Brasília, 2001.

_____. Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa – terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental (5ª a 8ª séries). Brasília: MEC/SEF,

_____. Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio: Área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Brasília: MEC/SEM, 2000.

BORDONI, Thereza Cristina. Pedagogia de projetos: passo a passo. AMAE educando. Belo Horizonte. Fundação AMAE para Educação e Cultura, 2000, n. 292, jun. p. 18-20.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (Org.). Metodologia da pesquisa educacional. São Paulo: Cortez, 2000.

GANDIN, Adriana Beatriz. Metodologia de projetos na sala de aula: relato de uma experiência. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

HERNÁNDEZ, Fernando; VENTURA, Montserrat. A organização do currículo por projetos de trabalho: o conhecimento é um caleidoscópio. 5 ed., Porto Alegre-RS: Artmed, 1998.

LEITE, Lúcia Helena Alvarez. Pedagogia de projetos: intervenção no presente. Presença Pedagógica. Belo Horizonte: Dimensão, 1996. v. 2, n. 8, mar/abr. p.24-33.

RAIÇA, Darcy (Org.). A prática de ensino: ações e reflexões. São Paulo: Articulação Universidade/Escola, 2000.

Complementar:

KAUFMAN, Ana Maria; RODRIGUEZ, Maria Helena. Escola, leitura e produção de textos. Porto Alegre-RS: Artmed, 1995.

3º PERÍODO

❖ **DIDÁTICA – 90h - (NC)**

Contextualização da Didática. Componentes do processo ensino-aprendizagem. Organização do trabalho docente: planejamento e plano de ensino. Avaliação da aprendizagem: concepções e práticas.

BIBLIOGRAFIA:**Básica:**

CANDAU, Vera Maria. (org). A didática em questão. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

_____. Rumo a uma nova didática. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

LIBÂNEO, José Carlos. Democratização da escola pública. A pedagogia crítico-social dos conteúdos. 9. ed. São Paulo: Loyola, 1990.

MASETO, Marcos. Didática. A sala de aula como centro. São Paulo: FTD, 1997.

Complementar:

CANDAU, Vera Maria. (org). A didática em questão. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

LIBÂNEO, José Carlos. Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. 9. ed. São Paulo: Loyola, 1990.

MASETO, Marcos. Didática. A sala de aula como centro. São Paulo: FTD, 1997.

MAXIMILIANO, Menegolla e SANT'ANA. Por que planejar? Como Planejar ? Currículo-Área-Aula. 3. ed. Petrópolis.

_____. Didática. São Paulo: Cortez, 1994.

❖ TEORIA LITERÁRIA: INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS LITERÁRIOS E O GÊNERO LÍRICO E O ÉPICO – 60h – (NCL)

A Teoria Literária – campo de atuação: noções básicas de Teoria da Literatura e a importância do seu estudo. A Literatura: conceitos e funções atribuídos à Arte Literária do período Clássico ao Contemporâneo. A criação poética: a natureza e o significado do ato criador. A linguagem literária: sistema semiótico primário e sistema semiótico secundário. Teoria dos gêneros literários e das estéticas literárias.

Conceituação, visão histórica e natureza do gênero épico. Análise dos elementos da estrutura narrativa: diegese, ação, espaço, personagem, narrador, níveis narrativos e tempo. Transtextualidade, técnicas narrativas e formas narrativas.. A especificidade da linguagem narrativa e suas tipologias. Análise/interpretação do texto narrativo.

BIBLIOGRAFIA:**Básica:**

GANCHO, Cândida Vilares. Como analisar narrativas. 6. ed. São Paulo: Ática, 1999 (Série Princípios, 207).

GENETTE, Gérard. Discurso da narrativa. Tradução Fernando Cabral Martins. Lisboa: Vega, [1976]. (Coleção Vega Universidade). 279p.

REUTER, Yves. Introdução à análise do romance: leitura e crítica. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

Complementar:

COELHO, Nelly Novaes. Literatura e linguagem. Petrópolis: Vozes

D'ONOFRIO, Salvatore. Teoria do texto 1. São Paulo: Ática, 1995.

LIMA, Luiz Costa. A aguarrás do tempo: estudos sobre a narrativa. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

MOISÉS, Massaud. A criação literária: prosa I. 16. ed. rev. e atualiz. São Paulo: Cultrix, 1997.

_____. **A criação literária: prosa II. 16. ed. rev. e atualiz. São Paulo: Cultrix, 1998.**

_____. **Dicionário de termos literários. São Paulo: Cultrix, 1992.**

PIRES, Orlando. Manual de teoria e técnica literária. Rio de Janeiro: Presença, 1989.

❖ ANÁLISE DO DISCURSO – 60h – (NCL)

Estudo das noções de texto, discurso e gênero textual, com ênfase nas relações entre, discurso e contexto. As leis do Discurso. As diferentes Análises do Discurso. Análise do Discurso: origem, filiação teórica e fases. Conceitos de sentido e sujeito. Condições de produção, ideologia e interdiscurso. Prática discursiva.

Definição, domínio e terminologias específicas da área de Linguística Aplicada (LA) e visão de seu objeto de estudo. Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Portuguesa e língua estrangeiras (LE). Análise do Discurso: Constituição, conceitos fundamentais e vertentes. Língua, discurso e ideologia. Condições de produção do discurso. Formação ideológica e formação discursiva. O sujeito em Análise do Discurso. A heterogeneidade discursiva. Interdiscursividade e intertextualidade. A memória discursiva. Práticas de análise.

BIBLIOGRAFIA:

ALMEIDA FILHO, J. C. P. Linguística Aplicada, aplicação da Linguística e ensino de línguas. Anais do III Seminário de Ensino de Língua e Literatura. Porto Alegre:

ALMEIDA FILHO, J. C. P. de. Dimensões comunicativas no ensino de línguas. Campinas: Pontes, 1993.

BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec, 1979.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. Introdução à análise do discurso. Campinas: Editora da Unicamp, 1991.

_____. **Subjetividade, argumentação, polifonia. A propaganda da Petrobrás. São Paulo, Ed. da Unesp: Imprensa Oficial do Estado, 1998.**

CAVALCANTI, M. C. SIGNORINI, I. (orgs.) Linguística Aplicada e transdisciplinaridade. Campinas, São Paulo: Mercado de letras, 1998.

CELANI, M.A.A. Afinal, o que é linguística aplicada? In: PASCHOAL e CELANI. Linguística Aplicada: da aplicação à linguística transdisciplinar. São Paulo: Educ, 1992, p.25-36.

COX, M.I.P. e ASSIS-PETERSON, A. A. de. Cenas de sala de aula. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

FIORIN, José Luiz (org.). Introdução à linguística: princípios de análise. 4. ed. 2ª reimpressão, São Paulo: Contexto, 2008.

_____. Introdução à linguística: objetos teóricos. 6. ed. revista e atualizada, São Paulo: Contexto, 2010.

_____. Linguagem e ideologia. 2. ed. São Paulo: Ática, 1990.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. Trad. Laura Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

GIRARD, Dénis. Os momentos da aula de línguas. Linguística aplicada e didática das línguas. Lisboa: Estampa, 1975.

GREGOLIN, Maria do Rosário (org.). Discurso e mídia: a cultura do espetáculo. São Carlos: Claraluz, 2003.

INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (orgs). Os múltiplos territórios da Análise do Discurso. Porto Alegre: Sagra, 1999.

LEFFA, V. (org.) A interação na aprendizagem das línguas. Pelotas, RS: EDUCAT, 2003.

MAINGUENEAU, D. Novas tendências em análise do discurso. Campinas, SP: Pontes EDUSP, 1993.

MARTIN, Robert. A linguística aplicada. Para entender a linguística: epistemologia elementar de uma disciplina. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo, São Paulo: Parábola, 2003.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Afinal, o que é linguística aplicada? Oficina de linguística aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 1996.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Cristina (orgs). Introdução à linguística: domínios e fronteiras. Vol. 1. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. Introdução à linguística: domínios e fronteiras. Vol. 2. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. Introdução à linguística: domínios e fronteiras. Vol. 3. São Paulo: Cortez, 2001.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. O que é linguística. São Paulo: Brasiliense, 2008.

_____. Análise do Discurso: princípios e procedimentos. São Paulo: Pontes, 2005.

_____. A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso. 2. ed. rev. e aum. Campinas: Pontes, 1987.

POSSENTI, Sírio. Discurso, estilo e subjetividade. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

SILVEIRA, Maria Inez Matoso. Línguas estrangeiras: uma visão histórica das abordagens, métodos e técnicas de ensino. Maceió, Alagoas e São Paulo, São Paulo: Catavento, 1999.

❖ **MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA – 60h – (NCL)**

Estudo teórico-prático fundado na revisão crítico-reflexiva da descrição morfológica e sintática proposta pela Gramática Tradicional Contemporânea, na relação com a Gramática Descritiva e a Funcional.

BIBLIOGRAFIA**Básica:**

CARONE, F. Morfossintaxe. São Paulo: Ática, 2001.

_____. **Coordenação e Subordinação - Confrontos e Contrastes. São Paulo: Ática, 2000.**

SILVA, Maria Cecília Pérez de Sousa e, KOCH, Ingedore G. Villaça. Linguística aplicada ao português: morfologia. São Paulo: Cortez, 1993.

SOUZA-E-SILVA, M. C. P. de & KOCH, I. V. (1989). Linguística Aplicada ao Português: Sintaxe. São Paulo: Cortez.

UCHÔA. C. E. F. O ensino da gramática: caminhos e descaminhos. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

Complementar:

CASTILHO, A. T de. Nova gramática do português brasileiro. São Paulo: Contexto, 2010.

CARONE, F. Coordenação e Subordinação - Confrontos e Contrastes. São Paulo: Ática, 2000.

BECHARA, Evanildo. Lições de português pela análise sintática. Rio de Janeiro: Padrão, 1992.

SAUTCHUK, Inez. Prática de morfossintaxe. São Paulo: Manolo, 2004.

VILELA, M. & KOCH, I. V. (2001). Gramática da língua Portuguesa: gramática da palavra, gramática da frase, gramática do texto/discurso. Coimbra: Almedina.

❖ FONÉTICA E FONOLOGIA DA LÍNGUA INGLESA – 60h – (NE)

Estudo descritivo dos sistemas fonológicos da Língua Inglesa; alfabeto fonético; vogais; ditongos; consoantes. Exercícios e prática de transcrição fonêmica.

REFERÊNCIAS

ACCURATE ENGLISH: A complete Course in Pronunciation. Regents Prentice Hall, 1993.

AVERY, Peter; EHLICH, Susan. Teaching American English Pronunciation 3rd. ed. Oxford, 1995.

DALTON, C.; SEIDLHOFEN. Pronunciation. Oxford University Press, 2001.

GILBERT, Judy B. Clear Speech: pronunciation and Listening Comprehension in North American English. Cambridge, 2005.

GILBERT, Judy B. Clear Speech from the Start. Cambridge, 2005.

JOHNSON, Keith; LADEFOGED, Peter. A Course in Phonetics. Cengage Learning, 2010.

LADEFOGED, Peter; MADDIESON, Ian. The sounds of the Word's Language. Wily-Blackwell, 1996.

LADEFOGED, Peter. Vowels and Consonants: Vowels and Consonants: An Introduction to the Souds of Languages, Volume 1. Wily Black-well, 2005.

LANE, Linda. Focus on Pronunciation. Addison-Wesley Publishing, 1993.

LAVER, John. Principles of Phonetics. Cambridge, 2002.

MURCIA, M.C.et al. Teaching Pronunciation: A reference for Teachers of English Speakers of

Other Languages. Cambridge, 1996.

PENNINGTON, C. Martha. Phonology in English Language Teaching. Longman, 1996.

❖ **PRÁTICA DE ANÁLISE LINGUÍSTICA E TEXTOS LITERÁRIOS EM LÍNGUA PORTUGUESA – 135h – (NCL)**

Desenvolvimento de habilidades cognitivas a partir da integração dos conteúdos das disciplinas que compõem o presente semestre e o anterior. Para isso, enfatiza o próprio desenvolvimento da leitura, análise e interpretação de múltiplas linguagens através de textos diversos.

Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa para Ensino Fundamental e Médio. Os novos paradigmas para o ensino de Língua Portuguesa. Apresentação da área de Língua Portuguesa. Conceitos e procedimentos subjacentes às práticas de linguagem. Práticas de leitura de textos escritos. O ato de ler. Estratégias de leitura. As habilitações de leitura de textos em língua materna. Elaboração e ampliação de Projetos de Leitura. Prática de produção de textos orais e escritas. As práticas de escritas. Condições de produção do texto escrito. Elaboração e ampliação de projetos de Escrita.

BIBLIOGRAFIA:

ANDRADE, Rosamaria Calaes de. Interdisciplinaridade: um novo paradigma curricular. In: GOULART, Íris Barbosa (Org.). A educação na perspectiva construtivista: reflexões de uma equipe interdisciplinar. 1ed., Petrópolis-RJ: Vozes, 1995, p.93-104.

BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Nacionais para a Educação Básica. Brasília, 2001.

_____. Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa – terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental (5ª a 8ª séries). Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio.

BORDONI, Thereza Cristina. Pedagogia de projetos: passo a passo. AMA. Belo Horizonte: Fundação AMAE para Educação e Cultura, 2000, n. 292, jun. p. 18-20.

HERNÁNDEZ, Fernando; VENTURA, Montserrat. A organização do currículo por projetos de trabalho: o conhecimento é um caleidoscópio. 5 ed., Porto Alegre-RS: Artmed, 1998.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (Org.). Metodologia da pesquisa educacional. São Paulo: Cortez, 2000.

GANDIN, Adriana Beatriz. Metodologia de projetos na sala de aula: relato de uma experiência. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

LEITE, Lúcia Helena Alvarez. Pedagogia de projetos: intervenção no presente. Presença Pedagógica. Belo Horizonte: Dimensão, 1996. V. 2, n. 8, mar/abr. p.24-33.

RAIÇA, Darcy (Org.). A prática de ensino: ações e reflexões. São Paulo: Articulação Universidade/Escola, 2000.

4º PERÍODO

❖ **EXPRESSÃO ORAL EM LÍNGUA INGLESA – NÍVEL INTERMEDIÁRIO – 60h – (NE)**

Emprego oral da língua em situações de decisões, descrições e opiniões; ênfase na pronúncia, leitura e escrita.

❖ **TEORIA LITERÁRIA: CORRENTES DA CRÍTICA LITERÁRIA E O GÊNERO DRAMÁTICO – 60h – (NCL)**

Panorama da Crítica Literária. A narrativa, a poesia e o drama. Métodos da Crítica Literária. Tendências atuais da Crítica Literária. Análise do objeto literário numa perspectiva literária.

Origem, conceito e histórico da Crítica Literária. Principais Correntes da Crítica Literária: Formalismo Russo, *New Criticism*, Estruturalismo, Abordagem estilística, Crítica sociológica, Estética da Recepção, Teorias pós-estruturalistas e Estudos Culturais. Conceituação, visão histórica e natureza do gênero dramático. Origens mítico-religiosas do teatro. Estrutura do texto dramático e as principais formas clássicas de dramaticidade: tragédia e comédia. Drama Moderno. Análise/interpretação de textos dramáticos.

BIBLIOGRAFIA:

Básica:

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Teoria semiótica do texto. São Paulo: Ática, 2001.

BARTHES, Roland. Crítica e verdade. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. (Coleção Debates, 24). 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.

BERGEZ, Daniel et al. Métodos críticos para a análise literária. Tradução de Olinda Maria Rodrigues Prata; revisão da tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira; prefácio de Daniel Bergez. (Coleção Leitura e Crítica). São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BRANDÃO, Junito de Souza. Teatro grego: tragédia e comédia. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

IMBERT, Enrique Anderson. A Crítica Literária: seus métodos e problemas. Coimbra: Livraria Almedina, 1986.

Complementar:

BARTHES, Roland. Elementos de semiologia. Tradução de Izidoro Blikstein. 16. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CAMPEDELLI, Samira Youssef. Teatro brasileiro do século XX. (Coleção Margens do Texto). São Paulo: Scipione, 1995.

COMMELIN, P. Mitologia grega e romana. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

D'ONOFRIO, Salvatore. Teoria do texto 1: prolegômenos e teoria da narrativa. São Paulo: Ática, 1995.

_____. Teoria do texto 2: teoria da lírica e do drama. 1. ed. 4. impressão. São Paulo: Ática, 2003.

EAGLETON, Terry. Teoria da literatura: uma introdução. Tradução de Waltensir Dutra; revisão da tradução de João Azenha Jr. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e

Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

ROGER, Jérôme. A crítica literária. Tradução de Rejane Janowitz. (Coleção Enfoques: Letras). Rio de Janeiro: Difel, 2002.

MAGALDI, Sábato. Iniciação ao teatro. (Série Fundamentos, 6). 7. ed. 2. impres. São Paulo: Ática, 2000.

PEIXOTO, Fernando. O que é teatro. (Coleção Primeiros Passos, 10). São Paulo: Brasiliense, 2003.

RALLO, Elisabeth Ravoux. Métodos de crítica literária. Tradução de Ivone C. Benedetti. (Coleção Leitura e Crítica). São Paulo: Martins Fontes, 2005.

RYNGAERT, Jean-Pierre. Introdução à análise do teatro. Tradução de Paulo Neves. Revisão da tradução de Mônica Stahel. (Coleção Leitura e Crítica). São Paulo: Martins Fontes, 1996.

SAMUEL, Rogel (org.). Manual de teoria literária. 14. ed. rev. e atualiz. Petrópolis: Vozes, 2001.

❖ LITERATURA PORTUGUESA DAS ORIGENS AO REALISMO – 60h – (NCL)

O Trovadorismo português; O Humanismo em Portugal; O Renascimento literário português; A literatura barroca; O movimento literário arcadista; O Romantismo em Portugal; A literatura realista/naturalista portuguesa (Caracterização estilística, temática e análise de obras fundamentais na prosa e poesia).

Era medieval: poesia e prosa; Humanismo: historiografia, teatro, poesia, novela de cavalaria; Era clássica: Classicismo, Barroco, Arcadismo: poesia e prosa; Era Romântica; Romantismo: poesia e prosa: primeiro, segundo e terceiro momentos; Realismo.

BIBLIOGRAFIA

MEDEIROS, Lênia Márcia de. A literatura portuguesa em perspectiva. V. I. São Paulo: Atlas, 1992.

MIRANDA, José Fernando. Ressurgimento. Porto Alegre: Sagra, 1987.

MOISÉS, Massaud. A literatura portuguesa através dos textos. São Paulo: Cultrix, 1997.

_____. A literatura portuguesa. São Paulo: Cultrix, 1980.

OLIVEIRA, Cândido de. Súmulas de literatura portuguesa. São Paulo: Biblos. s.d.

❖ LITERATURA BRASILEIRA DAS ORIGENS AO ROMANTISMO – 60h – (NCL)

O Quinhentismo no Brasil; A literatura barroca; O movimento literário arcadista; O Romantismo brasileiro (Caracterização estilística, temática e análise das obras fundamentais na prosa e poesia).

Os primeiros textos produzidos pelos cronistas do Brasil pré-colonial. Pressupostos ideológicos e históricos que norteiam as manifestações literárias do Brasil colonial. Origem, características e temas do estilo barroco. A oratória de Padre Antônio Vieira e a poesia de Gregório de Matos Guerra. Duas dimensões da produção arcadista: a poética e a ideológica. O Arcadismo: poesia lírica e épica. Origem do movimento romântico, caracteres gerais e formais, temas e pressupostos ideológicos. As gerações românticas. A poesia romântica. A ficção romântica e a formação do romance brasileiro.

BIBLIOGRAFIA:

ABDALA JÚNIOR, Benjamin; CAMPEDELLI, Samira Youssef. Tempos da literatura brasileira. São Paulo: Círculo do Livro, [s.d.].

BOSI, Alfredo. História concisa da literatura brasileira. São Paulo: Cultrix, 1997.

_____. Alfredo. Dialética da colonização. 3. ed. 1. reimpress. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CÂNDIDO, Antonio. Formação da literatura brasileira. Vol1. Rio de Janeiro: Itatiaia, 1997.

COUTINHO, Afrânio. Introdução à literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

_____. Afrânio. A literatura no Brasil era barroca, a era neoclássica. São Paulo: Global, 1997.

_____. Afrânio. A literatura no Brasil: a era romântica. Vol3. São Paulo: Global, 2004.

GALEANO, Eduardo. Febre de ouro, febre de prata. In: _____. As veias abertas da América Latina. Tradução de Galeano de Freitas. Rio de Janeiro: Terra e Paz, [s.d.]. (Estudos Latino-americanos, 12).

MOISÉS, Massaud. História da literatura brasileira: origem, barroco e arcadismo. São Paulo: Cultrix, 1990.

_____, Massaud. A literatura brasileira através de textos. São Paulo: Cultrix, 1995.

PROENÇA FILHO, Dominício. Estilos de época na literatura. São Paul: Ática, 1995.

❖ POLÍTICA EDUCACIONAL BRASILEIRA – 60h - (NC)

Políticas educacionais: determinantes políticos, históricos e sociais. Aspectos legais, normativos e organizacionais das políticas educacionais no Brasil. O Plano de Desenvolvimento da Educação como política para a educação no Brasil na atualidade.

BIBLIOGRAFIA:

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. História da educação. 15. ed. São Paulo: Moderna. 2002.

BANDÃO, Carlos da Fonseca. Estrutura e Funcionamento do Ensino. São Paulo: Avercamp. 2004.

BRASIL. Plano Decenal de Educação para todos. Brasília: MEC, 1994.

_____. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº. 9.394/96. Brasília: MEC, 1996.

_____. Lei que dispõe sobre o fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério. Lei nº. 9.424/96. MEC, 1996.

CARNEIRO, Moacir Alves, LDB Fácil Leitura Crítico – compreensiva: Artigo a Artigo. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

CHAGAS, Valmir. Educação Brasileira: O Ensino de 1º e 2º Graus Antes, Agora e Depois? São Paulo: Saraiva, 1978.

MARANHÃO. Sistema de Estado da Educação Plano decenal de Educação para todos. São Luís: SSEDUC/SIDGE, 1994.

_____. Diretrizes e Estratégias para política Educacional do Estado do Maranhão. São Luís:

GDM, 2000.

_____. Proposta de Municipalização de Educação Infantil e Ensino Fundamental para o Estado do Maranhão. São Luís: SEEDUC, 2005.

PARO, Vitor Henrique (org). Políticas Públicas e Educação Básica. São Paulo: Xamã, 2001.

RIBEIRO, Maria Luisa Santos, História da Educação Brasileira: A Organização Escolar. São Paulo: Autores Associados, 1993.

ROMANELLI, Otaiza de Oliveira. História da Educação no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1995.

SAVIANE, Dermeval. Educação Lei de Educação: Trajetória, limites e perspectivas. 2 ed. São Paulo, 1997 – Coleção Educação Contemporânea.

SOUZA, Paulo Nathanael Pereira de. Como entender e aplicar a Nova LDB. Lei nº. 9.394/96. São Paulo: Cortez, 1996.

❖ **PRÁTICA INTERDISCIPLINAR DE LEITURA EM LÍNGUA INGLESA – 135h – (NE)**

Concepção de leitura. A leitura e o contexto escolar; uma visão crítica. A avaliação do ensino da leitura. Planejamento do ensino da leitura. Elaboração e dinamização dos projetos de leitura.

5º PERÍODO

❖ **SEMÂNTICA DA LÍNGUA PORTUGUESA – 60h – (NCL)**

Aspectos da significação lexical e da significação contextual. Significação e contexto. Referência, sentido e denotação. Os campos semânticos. As relações de sentido. Léxico e semântica

BIBLIOGRAFIA:

Básica:

GUIRAUD, Pierre. A semântica. Trad. Mascarenhas, Maria Elisa. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.

GREGOLIN, Maria do Rosário e BARONAS, Roberto (orgs.). Análise do discurso: as materialidades do sentido. São Carlos, SP: Editora Claraluz, 2003.

GREIMAS, A. J. Semântica estrutural. São Paulo: Cultrix, 1976.

ILARI, Rodolfo. Introdução à semântica: brincando com a gramática. São Paulo: Contexto, 2004.

Complementar:

CABRAL, Leonor Seliar. Introdução à linguística. Rio de Janeiro: Globo, 1998.

LOPES, Edward. Fundamentos da linguística contemporânea. São Paulo: Cultrix, 1995.

MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs.). Semântica. In: Introdução à linguística: domínios e fronteiras. vol 2. São Paulo: Cortez, 2001.

OLIVEIRA, R. Semântica formal. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

RECTOR, Mônica; YUNES, Eliana. Manual de semântica. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

❖ **LITERATURA PORTUGUESA DO SIMBOLISMO ÀS TENDÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS – 60h – (NCL)**

O Simbolismo literário; O movimento literário modernista; Tendências Contemporâneas em Portugal (Caracterização estilística, temática e análise de obras fundamentais na prosa e poesia).

Análise da produção literária brasileira (prosa e poesia) do Simbolismo às Tendências Contemporâneas: abordagens histórica, estética e cultural. Análise de obras fundamentais.

BIBLIOGRAFIA

Básica:

MOISÉS, Massaud. *A Literatura Portuguesa através de textos*. São Paulo: Cultrix, 1985.

PESSOA, Fernando. *Mensagem*. São Paulo: Núcleo, 1995..

TUFANO, Douglas. *De Camões a Pessoa: antologia escolar da poesia portuguesa*. São Paulo: Moderna, 1993.

Complementar:

D'ONOFRIO, Salvatore. *Literatura Ocidental: autores e obras fundamentais*. São Paulo: Ática, 1990.

MOISÉS, Massaud. *A Literatura Portuguesa*. São Paulo: Cultrix, 1985.

_____. *A Literatura Portuguesa através de textos*. São Paulo: Cultrix, 1985.

PINHEIRO, Célio. *Introdução à Literatura Portuguesa*. São Paulo: Pioneira, 1991.

SARAIVA, Antonio José. *Iniciação à Literatura Portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas*. Petrópolis.

❖ LITERATURA BRASILEIRA DO REALISMO AO MODERNISMO – 60h – (NCL)

Análise da produção literária brasileira (prosa e poesia) do Realismo ao Modernismo: abordagens histórica, estética e cultural. Análise de obras fundamentais.

Realismo e Naturalismo: perspectiva estética, condicionamento histórico e ideológico. Ficção realista e naturalista. Parnasianismo: a condição da poesia no realismo brasileiro. O Simbolismo: visão estética, ideologia e momento histórico. A poesia simbolista de Cruz e Sousa e Alphonsus de Gimaraens. O Pré-modernismo de Lima Barreto, Euclides da Cunha, Graça Aranha, Monteiro Lobato e a poesia de Augusto dos Anjos.

BIBLIOGRAFIA:

Básica:

BOSI, Alfredo. *História Concisa da literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2000.

COUTINHO, Afrânio. *Introdução à literatura no Brasil*. 16. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

_____. *Afrânio. A literatura no Brasil: a era realista*. Vol4. São Paulo: Global, 2004.

GOMES, Álvaro Cardoso. *O Simbolismo*. São Paulo: Ática, 1994.

MOISÉS, Massaud. A Literatura Brasileira através dos textos. São Paulo: Cultrix, 2000.

Complementar:

ABDALA JÚNIOR, Benjamin; CAMPEDELLI, Samira Yousset. Tempos da Literatura Brasileira. São Paulo: Ática, 2001.

BAKHTIN, Mikhail. Questões de Literatura e de Estética: a teoria do Romance. São Paulo: Editora Unesp/ HUCITEC, 1990.

D'ONOFRIO, Salvatore. Teoria do Texto: Prolegômenos e teoria narrativa. São Paulo: Ática, 2000.

GONZÁLEZ, Mário. O Romance Picaresco. São Paulo: Ática, 1988. (série princípios)

LEITE, Lígia Chiappini Moraes. O Foco Narrativo. São Paulo: Ática; 2001 (série princípios.)

LUCAS, Fábio. O Caráter Social da Literatura Brasileira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

MONTINEGRO, Olívio. O Romance Brasileiro. Recife. FUNDAPE, 1996.

MOISÉS, Massaud. A análise literária. São Paulo: Cultrix, 1981

NUNES, Benedito. O Tempo da Narrativa. São Paulo: Ática, 2000.

SANT'ANNA, Afonso Romano de. Análise Estrutural de Romances Brasileiros. São Paulo: Ática, 1990

TELES, Gilberto Mendonça. Vanguarda Européia e Modernismo Brasileiro. Ed. 16, Editora Vozes, 2000.

❖ LITERATURA INGLESA DAS ORIGENS AO PERÍODO ELISABETANO – 60h – (NE)

Estudo da literatura e dos princípios expoentes dos Períodos Anglo-Saxônico, Medieval, Elisabetano e Século XVII.

Visão panorâmica da formação do povo e da língua, desde Old English Period, com Beowulf e as baladas de fronteira. Os peregrinos de Chaucer. Diferentes versões das aventuras cavaleirescas da corte do Rei Arthur. A época Elizabetana. Aspectos da literatura antes e depois de Shakespeare até o século XVII. O período da Restauração. O século XVIII e a Sátira de Swift e Pope.

BIBLIOGRAFIA

BURGES, Anthony. Literatura Inglesa. Editora Ática.

CEVASCO, Maria Elisa and SIQUEIRA, Valter Lellis, Rumos da Literatura Inglesa. Ed. English Literature, YES. Editora Ltda.

SILVA, Alexander Meireles da. Literatura Inglesa para brasileiros. Ciência Moderna Editora.

STEVENSON, Jay. English Literature, Alpha Ltda.

TIBBLE, Anne. The Story of English Literature - A Critical Survey. Printed in Great Britain by Redwood Burn Limited. 1970.

VIZIOLI, Paulo. Literatura Inglesa Medieval. Editora nova Alexandria.

❖ MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA INGLESA – 60h – (NE)

Estudo das estruturas morfológicas básicas. Regras de formação das palavras. Morfologia verbal e nominal. Tipos de constituintes da sentença. Os padrões de sentença. Elementos da construção da sentença – sentenças simples, compostas, sentenças complexas e sentenças compostas-complexas. Leitura e compreensão textual.

BIBLIOGRAFIA

AZAR, Betty S. & Stacy A. Hagen. *Understanding and Using English Grammar*. 4Th ed. Volume B. Pearson Longman, 2009.

BOLTON, David; Noel Goodey. *Trouble with prepositions, articles, nouns and Word order?* Delta publishing, 2000.

COLE, Tom. *The Article Book*. The University of Michigan Press, 2009.

DUNMORE, Charles W. *Studies in Etymology*. Focus Information Group, 1993.

FUCHS, Marjorie; MARGARET, Boner. *Grammar Express – intermediate*. Longman, 2002.

HOGUE. Ann; OSHIMA, Alice. *First Steps in Academic Writing Level 2*. Longman, 2007.

JACOBS, Roderick A. *English Syntax*. OUP, 1995.

LINDNER, MAUREEN. *Homeworkers Help: English Language & Composition*. Career Press, 2005.

MURPHY, Raymond. *Review Advanced Grammar in Use*. Cambridge, 2009.

MURPHY, Raymond. *Essential Grammar in Use*. Cambridge, 2009.

MURPHY, Raymond. *Grammar in Use: Reference and Practice for intermediate students of English*. Cambridge, 2009.

PARROT, Martin. *Grammar For English Language Teachers*. Cambridge, 2000.

❖ EXPRESSÃO ORAL EM LÍNGUA INGLESA – NÍVEL AVANÇADO – 60h – (NE)

Prática intensiva da língua inglesa com o objetivo de desenvolver as habilidades de entender, falar, ler e escrever ao nível avançado.

6º PERÍODO

❖ LUSOFONIA – 60h – (NCL)

Abordagem histórica e sociolinguística da Língua Portuguesa. Constituição do léxico português. Lusofonia aproximação linguística e distanciamento cultural. Língua Portuguesa: identidade e cultura. Perspectiva literária e historiográfica: Europa, África, Ásia e América.

BIBLIOGRAFIA:

Básica:

ALVAREZ, M. L. O. *Língua e cultura no contexto de português*. Campinas: Pontes, 2010.

DIAS, M. P. de L. & ROQUE, H. J. *Cultura e Identidade, discursos*. São Paulo: Ensino Profissional, 2007.

ELIA, Silvio. *A língua portuguesa no mundo*. São Paulo: Ática, 1989.

PAGOTTO, E. G. *Variação e identidade*. Alagoas: EDUFAL, 2004.

Complementar:

ARAÚJO, A. F. da C. Língua e identidade, reflexões discursivas. Alagoas: EDUFAL, 2007.

BASTOS, N. B. & PALMA, D. V. (orgs.) História Entrelaçada: a construção de gramáticas e o ensino de língua portuguesa do século XVI ao XIX. Rio de Janeiro - RJ: Lucerna, 2004,

BASTOS, N. B. Língua Portuguesa em calidoscópio. São Paulo: EDUC / FAPESP, 2004,

ELIA, Sílvio. Fundamentos histórico-linguísticos do português do Brasil. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

PERINI, Mário A. A língua do Brasil amanhã e outros mistérios. São Paulo: Parábola, 2004.

❖ LITERATURA BRASILEIRA DO MODERNISMO AS TENDÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS – 60h – (NCL)

Análise da produção literária brasileira (prosa e poesia) contemporânea: abordagens histórica, estética e cultural. Análise de obras fundamentais.

Reflexão e discussão das principais marcas da produção literária contemporânea. Geração de 45: estudo do fazer poético de João Cabral de Melo Neto e Ferreira Gullar. Poesia experimental e Concretismo: representantes, características e propostas. Poesia da canção: estudo do Tropicalismo. Ficção de Guimarães Rosa e Clarice Lispector. A ficção contemporânea: estudo do romance e do conto.

BIBLIOGRAFIA:**Básica:**

AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? E outros ensaios. Chapecó: SC: Argos, 2009.

AGUIAR, Joaquim. Poesia da Canção. São Paulo: Scipione, 1998.

BOSI, Alfredo. História Concisa da literatura Brasileira. São Paulo: Cultrix, 2000.

_____. Alfredo. O conto contemporâneo. São Paulo: Cultrix, 1995.

COUTINHO, Afrânio. A literatura no Brasil – Era Modernista. V 5. São Paulo: Global, 1990.

CYNTRÃO, Sylvia Helena (Org.). A forma da festa – tropicalismo: a explosão e seus estilhaços. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2000.

MOISÉS, Massaud. A Literatura Brasileira através dos textos. São Paulo: Cultrix, 2000.

MENEZES, Philadelpho. Roteiro de Leitura: Poesia Concreta e Visual. São Paulo; Ática, 1998.

PELLEGRINI, Tânia. A Imagem e a Letra: aspectos da ficção brasileira contemporânea. São Paulo: Mercado das Letras, 1999.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. Ficção Contemporânea. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

TELES, Gilberto Mendonça. Vanguarda Européia e Modernismo Brasileiro. Petrópolis - RJ: Vozes, 1982.

Complementar

ABDALA JÚNIOR, Benjamin; CAMPEDELLI, Samira Yousset. Tempos da Literatura Brasileira. São Paulo: Ática, 2001.

BANDEIRA, Manoel. Apresentação da Poesia Brasileira. Rio de Janeiro: Ediouro, 1987.

CAMPOS, Augusto de. Poesia. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CAMPOS, Geir. Pequeno dicionário de arte poética. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d.

COHEM, Jean. Estrutura da linguagem poética. São Paulo: Cultrix, 1978.

GOULART, Audemaro Toranto; SILVA, Oscar Vieira da. Introdução ao Estudo da literatura. Belo Horizonte- MG: Editora Lê, 1994

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. Além do visível. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

❖ ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO EM LÍNGUA PORTUGUESA - ENSINO FUNDAMENTAL – 225h – (NE)

Conceito, objetivos e recomendações do estágio supervisionado. Simulação de aulas. Habilidades técnicas. Exercício do Estágio Supervisionado. Acompanhamento e avaliação do Estágio Supervisionado.

BIBLIOGRAFIA:

BENIGNA, Maria de Freitas Villas Boas. A avaliação formativa: em busca do desenvolvimento do aluno, do professor e da escola. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro. FONSECA, Marília (orgs). As dimensões do projeto político pedagógico. Campinas: Papirus, 2001.

CASASANTA, Leda Botelho Martins. (apres) Pedagogia de projetos: cadernos amae. Belo Horizonte: Fundação Amae para Educação e Cultura. Outubro, 2000. 60p. Edição especial.

CASTRO, Amélia Domingues e CARVALHO, Anna Maria Pessoa de. (org). Ensinar a ensinar: didática para a escola fundamental e média. Pioneira: copyright 2001 de Pioneira Thompson Learning Ltda.

ELICHIRIGOITY, Maria Teresinha Py (org.). Técnicas e jogos para aprendizagem de língua estrangeira na sala de aula. Pelotas: Educat, 1999.

FURTADO, Maria Sílvia Antunes. Resumos e transparências sobre o estágio supervisionado. São Luís, 2003.

HERNÁNDEZ, Fernando. Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho. Porto Alegre: Artes Médicas, 2.000.

LIBÂNIO, José Carlos. Didática. 21 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

7 ° PERÍODO

❖ LITERATURA NORTE AMERICANA – 60h – (NE)

Tradição Puritana; Idade Americana da Razão; Transcendentalismo; Período Romântico; Período Moderno.

BIBLIOGRAFIA

CAMARGO, Marisis Aranha. Basic Guideto American Literature. São Paulo: Livraria Pioneira,

1986.

FOHLEN, Claude. América Anglo-saxônica: de 1815 à atualidade. Trad. De João Pedro Mendes. São Paulo, 1981.

HAWTHORNE, Nathaniel. The scarletletter. Trad. A. Pinto de Carvalho. Clássicos de Bolso. São Paulo: Ediouro.

HEMINGWAY, Ernest. The old man and the sea. Trad. Fernando e Castro Ferro. RJ. Civilização Brasileira, 1996.

O livro de Ouro da Poesia dos Estados Unidos – Coletânea dos Poemas Norte Americanas. Trad. Oswaldino Marques. Editora Tecnoprint S.A.

RIEDINGER, Edward Anthony. A Brief View of American Literature. São Paulo: Waldyr Lima Editora.

THOREAU, Henry. Desobedecendo: a desobediência civil & outros escritos. Trad. José Augusto Drummond. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

U.S. Highlights of American Literature, Book I, Information Agency Washington, D.C., 1970.

❖ LITERATURA INGLESA DO ROMANTISMO ÀS TENDÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS – 60h – (NE)

Estudo da Literatura da Língua Inglesa do Século XVIII e dos Períodos Romântico, Vitoriano e Contemporâneo.

BIBLIOGRAFIA:

BURGES, Anthony. Literatura Inglesa. Editora Ática.

CEVASCO, Maria Elisa and SIQUEIRA, Valter Lellis, Rumos da Literatura Inglesa. Ed. English Literature, YES. Editora Ltda.

SILVA, Alexander Meireles da. Literatura Inglesa para brasileiros. Ciência Moderna Editora.

STEVENSON, Jay. English Literature, Alpha Ltda.

TIBBLE, Anne. The Story of English Literature - A Critical Survey. Printed in Great Britain by Redwood Burn Limited. 1970.

VIZIOLI, Paulo. Literatura Inglesa Medieval. Editora nova Alexandria.

❖ PRODUÇÕES ACADÊMICO-CIENTÍFICAS – 60h – (NCL)

Gêneros textuais e produções acadêmico-científicas com enfoque na orientação para pesquisa e produção de trabalho de conclusão de curso.

BIBLIOGRAFIA

BARROS, A.; LEHFELD, N. Projeto de pesquisa: propostas metodológicas. Petrópolis: Vozes, 2001.

CHIZZOTTI, A. Pesquisa em ciências humanas e sociais. São Paulo: Cortez, 1998.

CARRANCHO, A. Metodologia da Pesquisa Aplicada à Educação. Rio de Janeiro: Waldyr Lima Editora, 2005.

FAZENDA, I. (Org.) Metodologia da pesquisa educacional. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento. Campinas: Papirus, 1998.

GIL, A. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas, 1987.

HENRIQUES, Cláudio Cezar e SIMÕES, Darcília. A Redação de Trabalhos Acadêmicos: Teoria e Prática. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2011.

MACHADO, Anna Raquel. Planejar Gêneros Acadêmicos: escrita científica-texto acadêmico-diário de pesquisa-metodologia. São Paulo, Parábola, 2005.

MINAYO, M. S. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.

MOREIRA, A. F. (Org.) Para quem pesquisamos? para quem escrevemos? o impasse dos intelectuais. São Paulo: Cortez, 1999.

ROT, Désirée Motta e HENDGES Graciela Rabuske. Produção Textual na Universidade. São Paulo: Parábola editorial, 2010.

SIMÕES, Darcília (org.). A produção de monografias. Coleção *Em Questão*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 1998.

SOLÉ, Isabel. Estratégias de leitura. Tradução Cláudia Schilling. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SZYMANSKI, H. (Org.). A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva. Brasília: Plano, 2002.

THIOLLENT, M. Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo: Cortez, 1998.

❖ ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO EM LÍNGUA INGLESA - ENSINO FUNDAMENTAL – 225h – (NE)

A prática de ensino, conceitos, importância. Técnicas de micro-ensino. Recursos didáticos para o ensino de Língua Inglesa. Metodologia para o ensino de Línguas. As fases do estágio. Planejamento. Atividades Extras.

BIBLIOGRAFIA

BENIGNA, Maria de Freitas Villas Boas. A avaliação formativa: em busca do desenvolvimento do aluno, do professor e da escola. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro. FONSECA, Marília (orgs). As dimensões do projeto político pedagógico. Campinas: Papirus, 2001.

CASASANTA, Leda Botelho Martins. (apres) Pedagogia de projetos: cadernos amae. Belo Horizonte: Fundação Amae para Educação e Cultura. Outubro, 2000. 60p. Edição especial.

CASTRO, Amélia Domingues e CARVALHO, Anna Maria Pessoa de. (org). Ensinar a ensinar: didática para a escola fundamental e média. Pioneira: copyright 2001 de Pioneira Thompson Learning Ltda.

ELICHIRIGOITY, Maria Teresinha Py (org.). Técnicas e jogos para aprendizagem de

FURTADO, Maria Sílvia Antunes. Resumos e transparências sobre o estágio supervisionado. São Luís, 2003.

HERNÁNDEZ, Fernando. Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho. Porto Alegre:

Artes Médicas, 2.000.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. 21 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LUCKESI, Cipriano. C. A avaliação da aprendizagem escolar. 12 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MARTINS, Jorge Santos. O trabalho com projetos de pesquisa: do ensino fundamental ao ensino médio. 2 ed. Campinas: Papyrus, 2002.

Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN: língua estrangeira. Ensino fundamental.

Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN: língua portuguesa. Ensino fundamental.

Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN: introdução.

Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN: temas transversais.

RAPOSO, Euline Nunes. O estágio supervisionado na formação de educadores. Texto elaborado pela professora do Uniceuma para a disciplina Estágio Supervisionado. São Luís, 2003.

RIOS, Maria de Fátima Serra. Portfólio: um instrumento de avaliação progressiva. São Luís: UEMA, 2000. 3P.

RONCA, Antônio Carlos Caruso e ESCOBAR, Virgínia Ferreira. Técnicas pedagógicas: domesticação ou desafio à participação? Petrópolis: Vozes, 1986.

8º PERÍODO

❖ LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS - LIBRAS – 60h – (NC)

Língua e Linguagem. LIBRAS. Educação de Surdos. Filosofias Educacionais. Cultura e comunidade surda. Gramática da LIBRAS. Fundamentos Legais.

BIBLIOGRAFIA:

Básica:

CAPOVILLA, Fernando César. Enciclopédia da língua de sinais brasileira v.1: o mundo do surdo em libras – educação. São Paulo: USP, 2005.

CORRÊA, Ruan Pablo de Araújo. A utilização da linguagem de sinais como recurso de comunicação diferencial. [?], 2004.

DORZIAT, Ana. O outro da educação: pensando a surdez com base nos temas Identidade/Diferença, Currículo e Inclusão – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

FELIPE, Tânia A. Libras em contexto: curso básico. Brasília: MEC/SEESP, 2004.

GESSER, Audrei. LIBRAS? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola editorial, 2009.

HONORA, Márcia. Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.

PIMENTA, Nelson. Curso de Libras, 1. Rio de Janeiro: LSB Vídeo, 2006.

QUADROS, Ronice Müller de. Língua de Sinais Brasileira: estudos lingüísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SALLES, Heloisa Maria Moreira Lima. Ensino de Língua Portuguesa para Surdos: caminhos para a prática pedagógica. V.1. Brasília: MEC/SEESP, 2004.

SKLIAR, Carlos. Educação e exclusão: abordagens sócio-antropológicas em educação especial. Porto Alegre: Mediação, 1997.

❖ LINGUÍSTICA APLICADA – 60h – (NE)

Princípios Fundamentais da Linguística Contemporânea; Linguística X Ensino Aprendizado da língua inglesa; Influência da Linguística Aplicada no ensino da língua inglesa como língua estrangeira.

Definição, domínio e terminologias específicas da área de Linguística Aplicada (LA) e visão de seu objeto de estudo. Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Portuguesa e língua estrangeiras (LE). Análise do Discurso: Constituição, conceitos fundamentais e vertentes. Língua, discurso e ideologia. Condições de produção do discurso. Formação ideológica e formação discursiva. O sujeito em Análise do Discurso. A heterogeneidade discursiva. Interdiscursividade e intertextualidade. A memória discursiva. Práticas de análise.

BIBLIOGRAFIA:

ALMEIDA FILHO, J. C. P. Linguística Aplicada, aplicação da Linguística e ensino de línguas. Anais do III Seminário de Ensino de Língua e Literatura. Porto Alegre:

ALMEIDA FILHO, J. C. P. de. Dimensões comunicativas no ensino de línguas. Campinas: Pontes, 1993.

BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec, 1979.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. Introdução à análise do discurso. Campinas: Editora da Unicamp, 1991.

_____. Subjetividade, argumentação, polifonia. A propaganda da Petrobrás. São Paulo, Ed. da Unesp: Imprensa Oficial do Estado, 1998.

CAVALCANTI, M. C. SIGNORINI, I. (orgs.) Linguística Aplicada e transdisciplinaridade. Campinas, São Paulo: Mercado de letras, 1998.

CELANI, M.A.A. Afinal, o que é linguística aplicada? In: PASCHOAL e CELANI. Linguística Aplicada: da aplicação à linguística transdisciplinar. São Paulo: Educ, 1992, p.25-36.

COX, M.I.P. e ASSIS-PETERSON, A. A. de. Cenas de sala de aula. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

FIORIN, José Luiz (org.). Introdução à linguística: princípios de análise. 4. ed. 2ª reimpressão, São Paulo: Contexto, 2008.

_____. Introdução à linguística: objetos teóricos. 6. ed. revista e atualizada, São Paulo: Contexto,

2010.

_____. *Linguagem e ideologia*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1990.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

GIRARD, Dénis. *Os momentos da aula de línguas. Linguística aplicada e didática das línguas*. Lisboa: Estampa, 1975.

GREGOLIN, Maria do Rosário (org.). *Discurso e mídia: a cultura do espetáculo*. São Carlos: Claraluz, 2003.

INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (orgs). *Os múltiplos territórios da Análise do Discurso*. Porto Alegre: Sagra, 1999.

LEFFA, V. (org.) *A interação na aprendizagem das línguas*. Pelotas, RS: EDUCAT, 2003.

MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas, SP: Pontes EDUSP, 1993.

MARTIN, Robert. *A linguística aplicada. Para entender a linguística: epistemologia elementar de uma disciplina*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo, São Paulo: Parábola, 2003.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. *Afinal, o que é linguística aplicada? Oficina de linguística aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas*. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 1996.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Cristina (orgs). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. Vol. 1. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. Vol. 2. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. Vol. 3. São Paulo: Cortez, 2001.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *O que é linguística*. São Paulo: Brasiliense, 2008.

_____. *Análise do Discurso: princípios e procedimentos*. São Paulo: Pontes, 2005.

_____. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 2. ed. rev. e aum. Campinas: Pontes, 1987.

POSSENTI, Sírio. *Discurso, estilo e subjetividade*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

SILVEIRA, Maria Inez Matoso. *Línguas estrangeiras: uma visão histórica das abordagens, métodos e técnicas de ensino*. Maceió, Alagoas e São Paulo, São Paulo: Catavento, 1999.

❖ ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO EM LÍNGUA PORTUGUESA – ENSINO MÉDIO – 180h – (NCL)

Estágio supervisionado: normas de operacionalização de estágio. Planejamento: formulação de objetivos. Técnicas de incentivação. Seleção e organização de conteúdo.

BIBLIOGRAFIA:

Básica:

PESSOA, Ana Maria Prática de ensino. Editora Pioneira, SP 1994.

BORDEVANE, Juan Diaz & PEREIRA, Adair Martins. Estratégias de ensino. Vozes, Petrópolis, 1998. 1998.

DELORS, Jacques (organizador). Educação: um tesouro a descobrir. S. Paulo, Cortez; Brasília, DF: MEC:UNESCO, 2001.

CANDAU, Vera Maria (org.,) Cultural linguagem e subjetividade no ensinar e apreender. Rio de Janeiro: DP & A, 2001. 2. ed.

_____. Ensinar e apreender: sujeito, sabores e pesquisa. ENDIPE, Rio de Janeiro: DP & A, 2002. 2. ed.

Complementar:

CARNEIRO, Moacir Alves. Os projetos juvenis na escola de Ensino Médio. Brasília, DF: Interdisciplinar, 2001. Vozes, Petrópolis, 2002.

DEL RIO, Maria José. Psicopedagogia da língua oral: um enfoque comunicativo. Porto Alegre, Artes Médicas. 1996.

PIMENTA, Selma Garrido. O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

9º PERÍODO

❖ PRODUÇÃO TEXTUAL EM LÍNGUA INGLESA – 60h – (NE)

Regras de pontuação. Erros mais comuns na escrita. O processo da escrita. Orações dependentes – adjetivas e adverbiais. Coesão e coerência. Ensaio; narrativo, comparação e contraste; argumentativo. Desenvolvimento efetivo da competência linguístico-comunicativa. Interação entre desempenho textual e oral. Leitura, análise e produção de textos escritos.

BIBLIOGRAFIA

AZAR, Betty S. & Stacy A. Hagen. Understanding and Using English Grammar. 4th ed. Volume B. Pearson Longman, 2009.

BARNET, Sylvan; BELLANCA, Pat; STUBBS, Marcia. A short guide to college writing. Penguin Academics, 2002.

CASAGRANDE, June. It was the best of sentences, it was the worst of sentences. Ten Speed Press, Berkeley, 2010.

ENGLISH, Andrew K.; ENGLISH, L. Monahan. North Star: Focus on Reading and Writing: High intermediate Level. 3. ed. Longman, 2008.

HOGUE, Ann; OSHIMA, Alice. Introduction to Academic Writing. Level 3. Longman, 2007.

_____. First Steps in Academic Writing – Level 2. Longman, 2007.

_____. Writing Academic English Level 4. Longman, 2006.

LINDNER, Maureen. English Language & Composition. Book -martpress, 2005.

PARROT, Martin. Grammar For English Language Teachers. Cambridge, 2000.

WEGMAN, Brenda; KNEZEVIC, Miki. Mosaic 1 Reading. Silver Edition, 2007.

❖ LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA – 60h – (NCL)

A África de Língua Portuguesa e sua literatura africana (angolana, caboverdiana, moçambicana), em sua origem e desenvolvimento, caracteres linguísticos/estilísticos, sociais. Poesia e prosa, em seus principais autores/obras. Aspectos da literatura moçambicana de autoria feminina. Ecos e Reflexos africanos na Literatura Brasileira. Conexões entre a Literatura Brasileira e a Literatura Africana em estudo.

BIBLIOGRAFIA

APA Livia et al. Poesia africana de língua portuguesa. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2003.

CHAVES, R. Angola e Moçambique - experiência colonial e territórios literários. Cotia: Ateliê, 2005.

CHAVES, R., CAVACAS, Fernanda, MACÊDO, Tania (Org.). Mia Couto: o desejo de contar e de inventar. Maputo: Nzila, 2010.

CHAVES, R., MACÊDO, Tania Celestino de, SECCO, Carmen Lúcia Tindó (Org.). Brasil/África: como se o mar fosse mentira. 02. ed. São Paulo/ Luanda: UNESP/ Chá de Caxinde, 2006

CHAVES, R., VIEIRA, José Luandino, COUTO, MIA (Org.) . Contos africanos de língua portuguesa. São Paulo: Ática, 2009.

CHAVES, Rita de Cássia Natal. Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

GALANO, Ana Maria et al. (orgs) Lingua Mar: Criações e Confrontos em Português. Rio de Janeiro: Funarte, 1997,

GOMES, Simone Caputo. Cabo Verde - Literatura em Chão de Cultura. São Paulo: Atelier, 2005.

MACEDO, T. C. Luanda, cidade e literatura. São Paulo; Luanda: UNESP; Nzila, 2008.

MACEDO, T. C., CHAVES, Rita de Cássia Natal (Org.). Marcas da diferença: as literaturas africanas de língua portuguesa. São Paulo: Alameda, 2006.

MACÊDO, Tania Celestino de, CHAVES, R. Literaturas de língua portuguesa - Marcos e Marcas - Angola. São Paulo: Arte & Ciência, 2007.

MATA, I, PADILHA, Laura (Org.). A mulher em África - Vozes de uma margem sempre presente. Lisboa: Edições Colibri, 2007.

MATA, Inocência. Literatura angolana: silêncios e falas de uma voz inquieta. Lisboa: Mar Além, 2001.

PADILHA, Laura, RIBEIRO, M. C. (Org.). Lendo Angola. Porto: Afrontamento, 2008.

PADILHA, Laura. Entre voz e letra. O lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX. 2. ed. Niterói / Rio de Janeiro: EdUFF / Pallas, 2007.

SECCO, Carmen Lúcia Tindó Ribeiro. A magia das letras africanas: ensaios escolhidos sobre literaturas de Angola, Moçambique e alguns outros diálogos. Rio de Janeiro: ABE Graph, 2003.

_____. **Eroticus moçambicanus: Virgílio de Lemos & heterônimo; breve antologia da poesia escrita em Moçambique, 1944-1963. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Faculdade de Letras da UFRJ, 1999.**

SEPÚLVEDA, Maria do Carmo; SALGADO, Teresa (Org.). África & Brasil: letras em laços. 2. ed. São Paulo: Yendis, 2006.

SILVA, Manuel de Souza. Do alheio ao próprio: a poesia em Moçambique. São Paulo: Edusp, 1996.

TABORDA, Terezinha. O vão da voz: a metamorfose do narrador na ficção moçambicana. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2005.

❖ ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO EM LÍNGUA INGLESA - ENSINO MÉDIO – 180h – (NE)

Exercício do Estágio Supervisionado em Língua Inglesa no Ensino Médio; Projetos, atividades e off pedagógicas.

BIBLIOGRAFIA

Básica:

BORDEVANE, Juan Diaz & PEREIRA, Adair Martins. Estratégias de ensino. Vozes, Petrópolis, 1998. 1998.

DELORS, Jacques (organizador). Educação: um tesouro a descobrir. S.Paulo, Cortez; Brasília, DF: MEC:UNESCO, 2001.

CANDAU, Vera Maria (org.,) Cultural linguagem e subjetividade no ensinar e apreender. Rio de janeiro: DP & A, 2001. 2. ed.

_____. **Ensinar e apreender: sujeito, saborese pesquisa. ENDIPE, Rio de Janeiro: DP & A, 2002. 2. ed.**

PESSOA, Ana Maria. Prática de ensino. Editora Pioneira, SP 1994.

Complementar:

CARNEIRO, Moacir Alves. Os projetos juvenis na escola de Ensino Médio. Brasília, DF: Interdisciplinar, 2001. Vozes, Petrópolis, 2002.

DEL RIO, Maria José. Psicopedagogia da língua oral: um enfoque comunicativo. Porto Alegre,

Artes Médicas. 1996.

PIMENTA, Selma Garrido. *O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática*. 2. ed. Paulo: Cortez, 1995.

6.4.1 Ementário das Disciplinas livres (NL)

❖ FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA (NL)

Fundamentos legais da política da educação especial na perspectiva da educação inclusiva. A escola regular como espaço inclusivo. Aprendizagem e possibilidades da pessoa com necessidades especiais no contexto social. Adequações curriculares. Atendimento educacional especializado.

BIBLIOGRAFIA:

ARANHA, Maria Salete F. *A inclusão da criança com deficiência. Criança Especial*. São Paulo: Roca, 1995.

BRASIL. CORDE. Declaração de Salamanca e Linha de Ação. Brasília: Corde, 1994.

_____. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN, 9394/96 (artºs58 a 60). Brasília: 1996.

_____. Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica – Resolução CNE/CEB nº 2, de 11/09/2001. Brasília: SEESP/MEC, 2001.

BUENO, José Geraldo Silveira. A inclusão de alunos deficientes nas classes comuns do ensino regular. temas sobre desenvolvimento, V.9, nº 54, p. 21-7, 2001.

CARVALHO, RositaEdler. *Educação Inclusiva: Com os Pingos nos “is”*. Porto Alegre: Ed. Mediação, 2004.

DUARTE, José B. (org) *Igualdade e Diferença numa Escola para Todos: Contextos, controvérsias, perspectivas*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas 2001.

OMOTE, Sadao (org.). *Inclusão: Intensão e realidade*. Marília: FUNDEP, 2004, p.1-9 e 113-143.

RIBEIRO, Maria Luisa Sprovieri e BAUMEL, Rosely C. R. de Carvalho (orgs). *Educação Especial: do querer ao fazer*. São Paulo: Avercamp, 2003 (cap. I, II, V).

❖ HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA (NL)

A educação no contexto histórico da formação do Estado Brasileiro: período Colonial até os dias atuais A educação no contexto neoliberal. Educação maranhense: aspectos sociais e históricos.

BIBLIOGRAFIA:

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *Historia da Educação*. São Paulo: Moderna 2000.

FRANCISCO FILHO, Geraldo. *A educação brasileira no contexto histórico*. São Paulo: Alínea,

2001.

FREITAG, Bárbara. Escola, Estado e Sociedade. São Paulo: Moraes 2000.

GERMANO, José Willington. Estado militar e educação no Brasil. São Paulo: Cortez, 2000.

LIBÂNEO, José Carlos et al. Educação escolar: políticas, estrutura e organização. São Paulo: Cortez, 2003.

RIBEIRO, M.^a L. S. . História da Educação Brasileira: organização do espaço escolar. São Paulo: Cortez, 1999.

RODRIGUES. Regina Nina. Maranhão: Do Europeísmo ao Nacionalismo Política Educação. São Luís: Sioge 1993

ROMANELLI, Otaiza. História da Educação no Brasil. São Paulo: Moraes 2001.

SAVIANI. Dermeval. Educação brasileira: estrutura e sistema. São Paulo: Autores Associados, 2000.

TOBIAS, José Antônio. História da Educação Brasileira. São Paulo: Ibraga, 1986.

❖ FILOSOFIA DA LINGUAGEM (NL)

Formulação das questões languageiras, O universo do símbolo, As estruturas da linguagem, Pensamento e Palavra. O discurso. Linguagem e cultura. Questões hermenêuticas.

BIBLIOGRAFIA:

ALSTON. Filosofia da linguagem. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

ARAÚJO, Inês L. Do signo ao discurso – introdução à filosofia da linguagem. São Paulo: Parábola, 2008.

CASSIRER, A. A filosofia das formas simbólicas. México: Fondo de Cultura econômico, 1971

KARL-OTTO, Apel. La transformacion de la filosofia. Madrid: Taurus, 1985.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Signos. Rio de Janeiro: Zahar, 1960.

❖ TEORIA DA COMUNICAÇÃO (NL)

Comunicação: Conceito e Histórico. Visão Sistemática. A Comunicação e a Antropologia, a Sociologia e a Psicologia. Comunicação e Semiologia. Teoria da Linguagem, Processo Significo: Níveis Sintáticos, Semânticos, Pragmáticos e as Formas de Comunicação no Mundo Atual.

BIBLIOGRAFIA:

ANDRADE, Maria Margarida de & MEDEIROS, João Bosco. Comunicação em Língua Portuguesa.2.ed. São Paulo: Atlas, 2000.

BELTRÃO, Luiz & QUIRINO, Newton de Oliveira. Subsídios para uma teoria da comunicação

de massa. São Paulo: Summus Editorial, 1986.

BERLO, David Kenneth. O processo da comunicação: introdução à teoria e à prática. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BORDENAVE, Juan E. Diaz. Além dos meios e mensagens: introdução à comunicação como processo, tecnologia, sistema e ciência. 8. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1998.

_____. O que é comunicação. São Paulo: Brasiliense, 2006.

HOHLFELD *et alii*, Antônio. Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências. Petrópolis-RJ: Vozes, 2002.

JAKOBSON, Roman. Linguística e Comunicação. 19. ed. São Paulo: Cultrix, 2001.

MCLUHAN, Marshall. Os meios como extensões do homem. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

NEIVA Jr., Eduardo. Comunicação: teoria e prática social. São Paulo: Brasiliense, 1991.

PEREIRA, José Haroldo. Curso básico de Teoria da Comunicação. Rio de Janeiro: Quartet: Universidade, 2001.

❖ CULTURA E REALIDADE BRASILEIRA (NL)

Cultura Brasileira: Mito ou Realidade. Bases Históricas da Cultura, Ideologia e Visão do Mundo da Cultura Brasileira. Estrutura Histórica e Social da Cultura Nacional. Cultura Nacional e Regional. Cultura Popular e Brasileira.

BIBLIOGRAFIA:

Básica:

ASSOCIAÇÃO CARLO UBBIALI, INSTITUTO EKOS. Os índios do Maranhão: o Maranhão dos índios. São Luís, 2004.

CABRAL, M. do S. C. Caminhos do Gado: conquista e ocupação do Sul do Maranhão. São Luís: SIOGE, 1992.

LYONS, J. Introdução à linguística teórica. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1979.

RODRIGUES, A. D. Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Loyola, 1986.

Complementar:

ABRANCHES, D. de. O cativo (memórias). 2. ed. São Luís: Academia Maranhense de Letras/Lithograf, 1992.

- ABREU, J. C. de. Caminhos Antigos e Povoamentos do Brasil. Rio de Janeiro: Briguiet, 1930.
- BARBOSA, A. L. Pequeno Vocabulário Tupi-Português. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1967.
- BIGONJAL-BRAGGIO, S. L. Contribuições da linguística para o ensino de línguas. Goiânia: UFG, 1999.
- BLOUNT, B. G. Language, Culture and society: a book of readings. Cambridge, Massachusetts: Winthrop Publishers, 1974.
- BOSI, A. Dialética da Colonização. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- BRÁGGIO, S. L. B. Línguas indígenas brasileiras ameaçadas de extinção. Revista do Museu Antropológico. V. 5/6, n. 1, p. 9-53. Goiânia: 2001-2002.
- CARVALHINHOS, P. Onomástica e lexicologia: o léxico toponímico como catalisador e fundo de memória. Estudo de caso. São Paulo: Revista USP, n. 56, p. 172-179, dez./fev. 2002-2003.
- CASTRO, M. C. D. de. Sobre a natureza dos nomes próprios toponímicos. Revista Signótica. Goiânia, v. 21, p. 391-416, 2009.
- D'ABBEVILLE, C. História da missão dos padres capuchinhos na ilha do Maranhão. Apresentação Mário Guimarães Ferri. Trad. Sérgio Milliet. Notas de Rodolfo Garcia. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1975 [1612-1614].
- DICK, M. V. do A. A motivação toponímica e a realidade brasileira. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.
- _____. Toponímia e antroponímia no Brasil: coletânea de estudos. 3. ed. São Paulo: FFL/USP, 1992.
- FREYRE, G. Casa Grande e Senzala. 14. ed. Formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal. V. 2. Imprensa Oficial. Recife. Brasil, 1966.
- HOLANDA, S. B. de. Raízes do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- HOUAISS, A. O português no Brasil. 3. ed. Rio de Janeiro: Revan, 1992.
- LÉVI-STRAUSS, C. O pensamento Selvagem. São Paulo: Papyrus, 2008.
- LOPES, N. Dicionário escolar afro-brasileiro. São Paulo: Selo Negro, 2006.
- MALIGHETTI, R. O Quilombo de Frechal: identidade e trabalho de campo em uma comunidade brasileira de remanescentes de escravos. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2007.
- MORAIS, R. de. Cultura brasileira e educação. 2. ed. Campinas: Papyrus, 2002.
- NAVARRO, E. A. Método moderno de tupi antigo: a língua do Brasil dos primeiros séculos. 3. ed. São Paulo: Global, 2005.
- RIBEIRO, D. Os índios e a civilização. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

RIBEIRO, F. de P. Memórias dos sertões maranhenses. Reunidas aos cuidados de Manoel de Jesus Barros Martins. São Paulo: Editora Siciliano, 2002 [1815; 1819; 1819].

SAMPAIO, Theodoro. O Tupi na Geografia Nacional. 4. ed. Salvador: Câmara Municipal de Salvador, (1955 [1901]).

SAPIR, E. A Linguagem. São Paulo: Perspectiva, 1980.

_____. Selected Writings in Language, Culture, and Personality. London: University of California Press Ltda., 1985.

TIBIRIÇÁ, L. C. Dicionário de Topônimos Brasileiros de Origem Tupi: significado dos nomes geográficos de origem tupi. São Paulo: Traço, 1997.

❖ LÍNGUA INGLESA INSTRUMENTAL (NL)

Ênfase na leitura. Utilização de estratégias eficientes que capacitem o aluno a ler com compreensão textos em inglês sem auxílio de dicionário.

BIBLIOGRAFIA:

GEFFNER, Andrea B. Como escrever melhor cartas comerciais em inglês. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

GUANDALINI, Eiter Otávio. Técnicas de Leitura em Inglês: Estágio 1. São Paulo: Textonovo, 2004.

MUNHOZ, Rosângela. Inglês instrumental: estratégias de leitura I. São Paulo: Textonovo, 2002.

SWAN, Michael; WALTER, Catherine. How English works. Oxford: Oxford University Press, 2009.

LONGMAN. Dicionário Escolar para Estudantes Brasileiros. Português-Inglês/Inglês-Português. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2011.

❖ HISTÓRIA E CULTURA INDÍGENA (NL)

Cultura Indígena: Mito ou Realidade. Bases Históricas da Cultura Indígena, Ideologia e Visão da Cultura Indígena Brasileira. Estrutura Histórica e Social da Cultura Indígena Nacional e Cultura Indígena Regional.

❖ FILOLOGIA ROMÂNICA (NL)

Conceito e evolução da Filologia. Variedades da Língua Latina. Características do latim vulgar. A formação das línguas românicas. O estudo comparativo de textos em português, espanhol e italiano.

BIBLIOGRAFIA

Básica:

- BASSETO, Bruno Fregni. Elementos da Filologia Românica. São Paulo: EDUSP, 2003.
- ILARI, Rodolfo. Linguística românica. São Paulo: Ática, 1982.
- SPAGGIARI, Bárbara & PERUGI, Maurizio. Fundamentos da crítica textual: historia, metodologia, exercícios. São Paulo: Lucerna, 2004.
- STÖRIG, Hans Joachim. Aventura das línguas: uma história de idiomas do mundo. 4.ed. São Paulo: Melhoramentos, 2002.
- Complementar:
- COUTINHO, Ismael. Gramática histórica. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1979.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário etimológico da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.
- ELIA, Sílvio. Preparação à linguística românica. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1979.
- MELASSO, Janete. Introdução à prática do latim. Brasília: UNB, 2002.
- SILVA, Rosa Virginia Mattos e. Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro. São Paulo: Parábola, 2004.
- SOUZA, Antônio Cândido Melo e et al. Estudos de filologia e linguística. São Paulo: EDUSP, 1981.

❖ LITERATURA INFANTOJUVENIL (NL)

Estatuto da literatura infantil. Origens históricas do gênero. Características da obra literária para crianças e jovens. A narrativa e a poesia infantojuvenil. A produção Literária brasileira para crianças e jovens. Critérios de seleção de textos.

BIBLIOGRAFIA:

- BETTLHEIM, Bruno. A Psicanálise dos contos de fadas. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2007.
- COELHO, Nelly Novaes. Panorama histórico da literatura infanto-juvenil. São Paulo: Ática, 1990.
- _____. Literatura infanto-juvenil. São Paulo: Ática, 1991.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. Literatura infantil: teoria e prática. São Paulo: Ática, 2000.
- LAJOLO, Marisa; ZIBERMAN, Regina. Literatura infantil brasileira: história & histórias. São Paulo: Ática, 2006.
- OLIVEIRA, Maria Alexandre. Leitura prazer: interação participativa com a leitura infantil na escola. São Paulo: Paulinas, 2008.
- SERRA, Elizabeth D'Angelo (org.). Ética, estética e afeto na literatura para crianças e jovens. São Paulo: Global, 2001.

❖ PROJETOS DE PESQUISA (NL)

Trabalho científico: Tipos e etapas. Estruturação do projeto de pesquisa. Planejamento e fundamentação do projeto de pesquisa. Coleta e análise dos dados. Redação preliminar do relatório.

❖ **METODOLOGIA DO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA (NL)**

Fundamentação teórica para o ensino de Língua Inglesa; Estudo das abordagens, métodos e técnicas de ensino de língua inglesa; A busca da identidade da prática de ensino; Noções de prática de ensino; Os PCN e o ensino de Língua Inglesa. Teoria da aquisição e da aprendizagem da língua; Análise e avaliação de materiais.

❖ **SOCIOLINGUÍSTICA (NL)**

Introdução a Sociolinguística: conceito, objeto e definição. Língua, Norma e Uso. Variação e Mudança linguística. Diversidade linguística e ensino de língua materna. Análise sociolinguística de variantes padrão/não padrão do português brasileiro.

Linguística Textual. Percurso histórico. Conceito de texto. Coerência textual. Fatores de textualidade. Coesão textual. Sociolinguística. A Sociolinguística Variacionista. Os precursores da Sociolinguística. Sociedade e linguagem. Aspectos teóricos-metodológicos da Sociolinguística. Expansão da Sociolinguística.

BIBLIOGRAFIA:

FIORIN, José Luiz (org.). Introdução à linguística: objetos teóricos. 6. ed. revista e atualizada, São Paulo: Contexto, 2010.

_____. Introdução à linguística: princípios de análise. 4. ed. 2ª reimpressão, São Paulo: Contexto, 2008.

MARTELLOTA, Mário Eduardo (org.). Manual de linguística. 1. ed., 2ª reimpressão, São Paulo: Contexto, 2009.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Cristina (orgs). Introdução à linguística: domínios e fronteiras. Vol. 1. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. Introdução à linguística: domínios e fronteiras. Vol. 2. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. Introdução à linguística: domínios e fronteiras. Vol. 3. São Paulo: Cortez, 2001.

POSSENTI, Sírio. Discurso, estilo e subjetividade. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. O que é linguística. São Paulo: Brasiliense, 2008.

WEINREICH, LABOV & HERZOG. Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística. Tradução Marcos Bagno; revisão técnica Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2006.

As obras referidas nas ementas das disciplinas do curso de Letras/Inglês, baseiam-se no conteúdo dessas obras selecionadas e sua relevância para a formação do acadêmico de Letras. Porém, ressalta-se que a disponibilidade dessas obras, na Biblioteca do Centro, é de fundamental importância, pois nem todos esses acadêmicos têm condições de adquiri-las e tê-las como acervo da sua biblioteca particular.

6.5 PRÁTICA COMO COMPONENTE CURRICULAR

As disciplinas de prática de ensino (Práticas de Projetos Pedagógicos, Prática de Análise Linguística e Textos Literários em Língua Portuguesa e Prática Interdisciplinar de Leitura em Língua Inglesa) proporcionam que os alunos conheçam melhor a realidade da sua comunidade e desenvolvam projetos que possam contribuir para a qualidade do ensino nas escolas da Rede Pública e para a divulgação do nome da UEMA e do CESI, pois essas são disciplinas que colocam o aluno em contato direto com a comunidade, através da elaboração, execução e dinamização de projetos que correspondam às necessidades da sociedade imperatrizense.

6.6 ATIVIDADES ACADÊMICO – CIENTÍFICO – CULTURAIS – AACC

As Atividades Acadêmico – Científico – Culturais – AACC têm uma carga horária prática de 225 horas que correspondem a cinco créditos. Essa carga horária poderá ser cumprida com participação dos discentes em atividades acadêmicas a partir do primeiro semestre do curso.

Será considerada a carga horária de atividades promovidas por instituições diversas desde que sejam voltadas para a área de conhecimento do curso, por exemplo, congressos, simpósios, encontros colóquios, semanas, etc. ou outros eventos elaborados pelos alunos e professores do Departamento, desde que os organizadores da atividade elaborem o projeto do evento e o submetam à apreciação e votação do Conselho do Curso. Neste caso caberá ao Conselho decidir sobre a validação ou não do evento ou atividade para a computação de carga horária nas AACC.

6.7 ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM LETRAS

O curso exige que os alunos cumpram uma carga horária de 810 horas de Estágio sendo distribuídas da seguinte forma: Estágio Curricular Supervisionado em Língua Portuguesa – Ensino Fundamental 225 horas, Estágio Curricular Supervisionado em Língua Inglesa – Ensino Fundamental 225 horas, Estágio Curricular Supervisionado em Língua Portuguesa – Ensino

Médio 180 horas e Estágio Curricular Supervisionado em Língua Inglesa – Ensino Médio 180 horas.

A carga horária total do Estágio Curricular poderá ser reduzida em até 200 horas, no caso de alunos que comprovem sua atuação como professor na rede de ensino pública e/ou privada.

6.8 PESQUISA E EXTENSÃO NO CURSO DE LETRAS

O Centro de Estudos Superiores de Imperatriz tem a perspectiva de estimular e promover a pesquisa nas áreas do conhecimento que são objeto do ensino de graduação, favorecendo parcerias entre docentes, profissionais dos serviços e discentes. Nesse sentido, destacam-se como importantes estratégias para participação no programa de pesquisa a serem desenvolvidas por pesquisadores da UEMA; da Instituição, em especial os ligados à área de Letras e ensino de línguas.

Uma das modalidades que introduz o aluno no universo da pesquisa é o Programa de Iniciação Científica que visa despertar a vocação científica e incentivar novos talentos potenciais entre os estudantes de Letras, mediante sua participação em projetos de pesquisa e extensão, preparando-os para o ingresso na pós-graduação. A Iniciação científica pode efetivar-se mediante o engajamento do aluno em projetos de docentes pesquisadores ou ainda na execução de projetos de pesquisa realizada sob a orientação de professores orientadores com qualificação acadêmica e experiência em pesquisa.

O aluno participante do Programa de Iniciação Científica, regularmente, adquire o domínio do método científico e sob a orientação de docentes qualificados se familiariza com os métodos, as técnicas e a pesquisa. Também, é despertado para o pensar científico e a criatividade, decorrentes do confronto com os problemas de pesquisa, preparando-o para as etapas da pós-graduação.

Reconhecemos que o Curso ainda precisa avançar no concernente à iniciação científica e à extensão. Neste sentido a qualificação ou a titulação do quadro docente é indispensável, por isso o Departamento de Letras tem incentivado e apoiado os seus professores na busca por titulação em nível de mestrado e, especialmente, doutorado. Da mesma forma tem incentivado esses professores a desenvolverem projetos de iniciação científica a fim de também despertar nos acadêmicos do Curso de Letras o interesse pela pesquisa científica.

6.9 TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – TCC

O Trabalho de Conclusão de Curso é feito seguindo o que orienta o Capítulo VI e os Art. 88 a 94 das Normas Gerais do Ensino de Graduação, aprovadas pela Resolução n° 1045/2012 - CONSUN/UEMA, em 19 de dezembro de 2012. As normas encontram-se no Anexo VI.

7 RECURSOS HUMANOS

O Departamento de Letras, atualmente, conta com 16 professores efetivos e com apenas uma funcionária administrativa o que tem dificultado o atendimento aos alunos e causado acúmulo de trabalho. Quanto ao Curso de Letras Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Literaturas até o momento este curso não dispõe de nenhum funcionário para auxiliar nas atividades administrativas do Curso, como por exemplo, o controle acadêmico. Assim, o Curso necessita urgentemente de um(a) funcionário(a) que desempenhe a função de Secretário(a) do Curso para melhor atender aos alunos e realizar as atividades inerentes ao Curso.

7.1 DOCENTES

O quadro seguinte apresenta os professores do quadro de efetivos do Departamento de Letras, além de informar as titulações e as principais disciplinas ministradas por esses professores. Ressalta-se que além das disciplinas relacionadas no quadro, os professores também ministram outras disciplinas do Departamento, quando se faz necessário. Neste caso as disciplinas são distribuídas obedecendo a afinidade dos professores com os conteúdos a serem desenvolvidos na disciplina a ser ministrada.

N °	Professores	Regime	Esp	Me.	Dr.	Disciplinas	Observação
01	Antônio Coutinho Soares Filho	40h	X			Teoria literária	Mestrando
02	Diana Barreto Costa	40h			X	Literatura Inglesa e Norte Americana	
03	Domingas A. Bandeira	40h		X		Linguística	
04	Edna Souza Cruz	40h		X		Língua Inglesa	Licenciada para estudo (Doutoranda)
05	Elizabete Rocha de Souza Lima	40h		X		Língua Inglesa	
06	Gilberto Freire de Santana	TIDE			X	Teoria Literária	
07	Hildenê Alves Severo	40h	X			Língua Inglesa	
08	Ilza Léia Ramos Arouche	TIDE		X		Língua Inglesa	
09	Kátia Carvalho da Silva	40h			X	Literatura Brasileira	

10	Lílian Castelo Branco de Lima	40h		X		Literatura Portuguesa	Doutoranda
11	Márcia Suany D. Cavalcante	TIDE		X		Língua Portuguesa	Licenciada para estudo (Doutoranda)
12	Maria da Guia Taveiro Silva	40h			X	Linguística	
13	Maria do Socorro Gomes	40h		X		Língua Portuguesa	
14	Monica Assunção Mourão	TIDE		X		Literatura Brasileira	
15	Orleane Evangelista de Santana	40h			X	Língua Portuguesa	
16	Rute Maria Chaves Pires	40h		X		Literatura Portuguesa	
17	Sonia Maria Nogueira	40h			X	Língua Portuguesa	

O quadro atual dos professores efetivos do Departamento de Letras não é suficiente para atender a demanda dos dois cursos e dos demais cursos do centro que dependem do Departamento de letras para ofertar algumas das suas disciplinas específicas e outras do núcleo comum. Assim, a contratação de professores substitutos para dar conta da demanda dos dois cursos, tem sido a única saída viável para evitar prejuízo aos alunos quanto ao tempo de integralização do seu curso.

O quadro seguinte apresenta os docentes que foram contratados pela UEMA após terem sido selecionados para a vaga de professores substitutos para ministrarem aulas das disciplinas de responsabilidade do Departamento de Letras.

Docentes	Titulação	Regime de trabalho
Arlene Holanda	Especialista	20 h
Benedito Salazar	Especialista/ Mestrando	20 h
Camila Rodrigues da Silva	Especialista/ Mestranda	20 h
Deijeane Moraes	Especialista	20 h
Janaina Cunha Barbosa	Especialista	20 h
Karla Giselly M de Maria	Especialista/	20 h

	Mestranda	
Kelly Mendes	Graduada	20 h
Saulo Lopes Sousa	Especialista	20 h

7.1.1 Perfil do Professor

Para a persecução dos objetivos e missão expressos neste Projeto Pedagógico o perfil do professorado deverá ser aquele que:

- Participa de cursos de pós-graduação;
- Tem capacidade de passar seus conhecimentos ao corpo discente de maneira ótima e utilizando os recursos audiovisuais apropriados;
- Está atualizado com as novas tecnologias;
- Tem interesse em produzir textos, artigos científicos;
- Sabe trabalhar em equipe e também de forma interdisciplinar.

7.2 GESTORES

Até o momento a diretoria do Curso de Letras/Inglês não tem respaldo legal para responder pelo referido curso, apesar de ter uma representante eleita por meio de consulta aos alunos e professores, conforme relatado na Ata de homologação da eleição para a direção do Curso (nos anexos). Assim, atualmente as demandas referentes ao curso são resolvidas pelo diretor do Curso de Letras Português/ Literatura. No entanto, conforme a última eleição, o quadro de gestores do curso ficou da seguinte forma:

Função	Docente	Titulação	Regime de trabalho
Diretora do Curso	Elizabeth Rocha de Souza Lima	Mestra	40h
Chefe do Departamento	Maria da Guia Taveiro Silva	Doutora	40 h

7.3 CORPO TÉCNICO – ADMINISTRATIVO DO CURSO DE LETRAS

Como já ressaltado antes, o curso de Letras Português/Inglês não dispõe de nenhum funcionário técnico-pedagógico-administrativo. Os serviços concernentes a esse funcionário,

atualmente é executado pela servidora do Curso de Letras/Português, o qual conta somente com uma secretária. Além dessa secretária, geralmente há um(a) estagiário(a) que a auxilia. Tanto a secretária quanto o estagiário cumpre 6 horas de trabalho, sendo que, geralmente o estagiário começa a atender às 13 horas e a secretária inicia às 15 horas. Conforme descrito no quadro a seguir que se refere ao corpo técnico-administrativo do Departamento.

n °	Técnico-pedagógico-administrativo	Regime	Titulação	Observação
01	Jordana Daniely Paiva da Silva	06 h	Ensino médio	Graduanda de Geografia/CESI
02	Heyglon Fábio Oliveira dos Santos	06 h	Ensino Médio	Acadêmico de Engenharia Civil CEUMA

8 ACERVO BIBLIOGRÁFICO

O acervo bibliográfico do curso é fundamental para que os discentes tenham um bom suporte teórico para a prática que irão desempenhar, no entanto atualmente o acervo do curso ainda precisa ser ampliado. A ampliação e a atualização do acervo bibliográfico do Curso de Letras Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Literaturas, é um problema que também não pode esperar para ser solucionado. Embora o curso possua alguns exemplares relevantes, o seu acervo, ainda não é o ideal, portanto precisa ser atualizado e ampliado. A relação do acervo bibliográfico atual do curso encontra-se nos anexos.

9 INFRAESTRUTURA DO CURSO

O curso funciona, de certa forma, a contento, porém há a necessidade de melhor estruturação. Por exemplo, há falta de mais espaço físico destinado às diversas atividades do curso, como uma sala extra para qualquer atividade inerente ao curso, como a aplicação de prova para seleção de monitores, para reunião de orientação de TCC e para reunião de estudos dos grupos de pesquisa, entre outras.

9.1 SALA DE AULA

O curso utiliza as salas de aula de um dos pavilhões do CESI, no período da tarde e da noite. Elas não são exclusivas dos cursos, pois no período da manhã elas são utilizadas por outros cursos, o que é perfeitamente legal, porém impossibilita a caracterização de um ambiente específico para o ensino de línguas.

9.2 SALA DE PROFESSORES

O Curso não dispõe de uma sala específica que sirva aos professores e às demais demandas. Atualmente os dois cursos funcionam no mesmo espaço do Departamento de Letras.

9.3 SALA DE DEPARTAMENTO

O Departamento é instalado na única sala destinada ao curso, portanto não possui um espaço específico.

9.4 SALA DE DIREÇÃO DE CURSO

Como o Curso não possui uma sala própria, a diretora do curso atende na sala do Departamento. Isso às vezes causa transtornos ou incômodos, porque ao desejar resolver problemas relacionados ao corpo docente ou ao pessoal técnico administrativo, os alunos sentem-se constrangidos e às vezes intimidados pela presença de outras pessoas que não deveriam estar presentes em uma conversa entre alunos e direção de curso.

9.5 OUTROS ESPAÇOS USADOS PELO CURSO

O curso faz uso de outros espaços comuns a toda comunidade acadêmica, como a biblioteca, o laboratório de informática, o auditório, os banheiros, a cantina, as áreas cobertas e os jardins, entre outros. O curso também dispõe de um laboratório de línguas, mas para atender às necessidades dos dois cursos, especialmente, das disciplinas de língua inglesa, esse laboratório precisa ser reformado com urgência.

O espaço do laboratório foi equipado para atender 40 pessoas por vez. Possui equipamentos de multimídia, porém no momento está desativado por falta de manutenção nos equipamentos indispensáveis ao uso dos professores e alunos, como equipamentos de áudio e vídeo e por não oferecer condições físicas para o atendimento dos alunos, como climatização, por exemplo. A planta baixo do prédio do CESI encontra-se no Anexo X deste projeto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação está dando um grande passo para descrever nova história, pois o que o homem sabe atualmente poderá representar muito pouco, em relação ao que haverá de aprender. Isto significa para as instituições de ensino um grande desafio.

A sociedade deseja que a escola promova a socialização do aluno e desperte o seu sentimento humanístico. Portanto, vê-se que a educação está além dos ensinamentos pragmáticos: extrapola o programa de conhecimento específico. A escola precisa desenvolver um programa acadêmico amplo que ensine ao aluno adquirir experiências diversas, não somente no campo profissional, mas também experiências do relacionamento humano, do relacionamento respeitoso com as pessoas. Precisa incentivar a participação do aluno em atividades complementares que objetivam ampliar os limites de formação meramente técnica, ensejando a formação sociocultural mais abrangente.

Antes o ensino estava centrado no professor, aprender era uma consequência. Hoje o modelo deverá estar centrado na produção do conhecimento, no saber distinguir os conhecimentos relevantes para as questões que nos incomodam, no elaborar e criticar situações, posicionando-se diante do novo, dos sucessivos desafios. É exatamente isso que o Departamento de Letras se propõe a executar.

Sendo assim, está corajosamente e com responsabilidade implantando mecanismos que permitirão qualidade no processo ensino-aprendizagem e uma avaliação mais profunda e mais efetiva dos serviços educacionais oferecidos à comunidade imperatrizense através do Curso de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Literaturas.

A mola principal das mudanças é a postura do educador e a sua forma de repensar a educação e a sua própria caminhada senão, o nosso projeto de curso não passará de um discurso repetitivo e vazio.

Vale ressaltar que as diretrizes educacionais do nosso país e da Universidade Estadual do Maranhão se baseiam em uma educação voltada para a garantia da qualidade e da equidade para todos. Por isso, o Centro de Estudos Superiores de Imperatriz reconhece que não pode manter-se alheio às necessidades da comunidade de Imperatriz e regiões circunvizinhas. Também reconhece e reafirma sua responsabilidade social de formar profissionais competentes e que possam realmente contribuir para a redução dos problemas comuns ao ensino e à aprendizagem de língua inglesa através do Curso de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Literaturas do CESI.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n.º 9394. Brasília, 1996.

DALMÁS, Ângelo. **Planejamento Participativo na escola**: elaboração, acompanhamento e avaliação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

DRUCKER, Peter F. A ascensão da sociedade do conhecimento. Trad. José Lívio Dantas (excerto de Post. Capitalist Society) In: **Diálogo** 3 (27). São Paulo, 1994, p. 13-18.

GRAMSCI, Antonio. **Alguns pontos preliminares de referência**: filosofia, preconceito e linguagem. Espaço acadêmico n.º 69, ano IV, de fev., 2007.

LOUREIRO, Violeta R. **Plano de Desenvolvimento e Projeto Pedagógico da escola**: contribuições e orientações para elaborar o plano e o projeto da sua escola. Belém: Imprensa Oficial do Estado, 2000.

MORAES, Maria Cândida. **O paradigma educacional emergente**. 11ed. Campinas: Papirus, 1997.